



ALAVOURA

SUMMARIO:

- A momentosa questão do Sal Nacional
 A Semana do Leite
 Organização de um Amoreiral..... Mario Vilhena
 Inflammaveis e explosivos de applicação na agricultura
 Aspectos Leiteiros Brasileiros Otto Frensel
 Zebú
 O Ceará Economico Dr. Souza Pinto
 Tendencia da producção mundial de café
 Entregas de café ao consumo do mundo
 O alargamento do mercado interno Dr. Arthur Torres Filho
 Nutrição animal Arlindo Chaves
 A Avicultura em Minas
 Preço justo e razoavel do café nos Estados Unidos
 As Semanaes da Sociedade Nacional de Agricultura

Este numero contem 44 paginas

Sociedade Nacional de Agricultura

FUNDADA EM 16 DE JANEIRO DE 1897

Reconhecida de utilidade publica por lei

Presidente perpetuo

Dr. Miguel Calmon du Pin e Almeida

Presidente honorario

Dr. Geminiano Lyra Castro

DIRECTORIA GERAL

Presidente — Ildefonso Simões Lopes

1. Vice-Presidente — Arthur Torres Filho

2. Vice-Presidente — Edgard Teixeira Leite

3.º Vice-Presidente — Fabio de Azevedo Sodré

1. Secretario — Antonio de Arruda Camara

2. Secretario — Luiz Simões Lopes

3.º Secretario — Altino de Azevedo Sodré

4.º Secr. — Americo de Pinho de Leonardo Pereira

1.º Thesoureiro — Kurt Repsold

2.º Thesoureiro — Domingos de Faria

DIRECTORIA TECHNICA

Frederico Murtinho Braga

Humberto Rod. de Andrade.

Joaq. B. de Moraes Carvalho

José Maria Fernandes

José Sampaio Fernandes

Luiz de Oliveira Mendes

Manoel Paulino Cavalcanti

Otto Frensel

Ottoni Soares de Freilas

Virginio Werneck Campello

CONSELHO SUPERIOR

Alcides de Oliveira Franco

Alvaro Simões Lopes

Antonio F. Marganinos Torres

Archimedes de Lima Camara

Arsène Puffemans

Bemvindo Novaes

Carlos de Souza Duarte

Celso Machado

Conde de São Mamede

Eduardo Claudio da Silva

Eurico Santos

Euvaldo Lodi

Euzebio de Queiroz C. Maltoso Camara

Fidelis Reis

Felix Pacheco

Filogenio Peixoto

Franklin de Almeida

Francisco Leite Alves Costa

F. J. Teixeira Leite.

Hilario Leitão

Humberto Bruno

J. C. Bello Lisboa

João Baptista de Castro

João Gonçalves Pereira Lima

João Mauricio de Medeiros

João Simplicio Alves de Carvalho

Julio Cesar Lutterbach

Julio Eduardo da Silva Araujo

José Eduardo Macedo Soares

José Monteiro Ribeiro Junqueira

José Maltoso Sampaio Corrêa

Landulpho Alves de Almeida

Lauro Passos

M. Paulo Filho

Odilon Braga

Ormeu Junqueira Botelho

Ricardo Machado

Waldomir Barros Magalhães

Wenceslau Braz Pereira Gomes

A L A V O U R A

REVISTA MENSAL DA SOCIEDADE NACIONAL DE AGRICULTURA
E DA CONFEDERAÇÃO RURAL BRASILEIRA

Presidente da Sociedade Nacional de Agricultura. . . . Dr. ARTHUR TORRES FILHO

Director: Dr. ANTONIO DE ARRUDA CAMARA — Gerente: ROBERTO DIAS FERREIRA

Redactor Secretario: L. MARQUES POLIANO

Assignatura annual 20\$000 — Numero avulso 2\$000 — Numero atrasado 3\$000

Toda a correspondencia deve ser dirigida para a Redacção, Largo S. Francisco, 3 - 2.º salas 202/6 - Rio de Janeiro

Impressa por Villani & Barbero - Rua Ubaldino do Amaral, 82 - Rio de Janeiro

ANNO XXXIX

RIO DE JANEIRO

Setembro de 1935

A momentosa questão do Sal Nacional

Em uma de suas ultimas reuniões a Sociedade Nacional de Agricultura debateu a palpitante questão do sal nacional, conforme já o havia feito, dias antes, pelo seu representante, no Conselho Federal do Commercio Exterior, tendo em vista a grande elevação de preços verificada ultimamente e as reclamações recebidas dos criadores da zona do Triangulo Mineiro.

Na sua recente viagem pelo Rio Grande do Sul, teve o Presidente desta casa occasião de observar o emprego daquelle producto na fabricação do xarque, o qual substitue, neste momento, inteiramente, o similar estrangeiro. Ha, alli, é certo, uma certa prevenção contra o emprego do sal nacional nesse genero de industria devido a certas substancias não de todo eliminadas, como o chloreto de magnesio, nocivas á perfeita conservação da carne. A permanencia de taes substancias no sal nacional se deve, sempre, ao facto de ser um sal "novo", isto é, ainda não perfeitamente "curado". Os estudos technicos realizados a respeito demonstram que o sal nacional contém taes substancias porque immediatamente após a extracção é enviado aos mercados e logo applicado, bem como que o espaço de cerca de um anno entre a extracção e o consumo é sufficiente para a "cura", que o torna apto á industria saladera.

Em Pelotas e em São Gabriel, declarou o Presidente da Associação de Xarqueadores, que se tornava necessario e urgente, um criterio na remessa do sal para aquella unidade da Federação, de forma que não incluíssem nas partidas sal ainda não devidamente "curado", pois, do contrario, estariam os xarqueadores arriscados a estragar as "pilhas" — geralmente constituídas de carne de 3.000 rezes — e isto, adeantou — significaria o completo "boycott" por parte do Rio Grande do Sul a essa mercadoria, de tanta expressão economica para certas regiões do Norte e do Estado do Rio de Janeiro. Trazia mesmo, o nosso Presidente, autorização dos industriaes gauchos para fazer declarações nesse sentido.

Em São Paulo e no Paraná o producto nacional está sendo empregado com exito absoluto, até a presente data, pelas Industrias Mattarazzo.

Ha, como se vê, necessidade de um estudo no sentido de regularizar o commercio do sal, evitando, por outro lado, o excessivo encarecimento dos preços, o que se dá presentemente em virtude do monopolio que delle fazem algumas grandes firmas commerciaes.

O lançamento ao mercado de sal ainda não devidamente envelhecido, e o excessivo encarecimento dos preços são a consequencia inevitavel da desorganização em que se encontram os productores, que não podem reter por muito tempo a sua mercadoria, vendida aos intermediarios por preços vis e por este levados ao consumo com margem fabulosa de lucros.

O encarecimento da mercadoria levou, ha pouco tempo, um projecto á Camara dos Deputados visando a regulamentação do commercio e a baixa dos preços, o que, se não se desse dentro de certo periodo de tempo, permittiria ao Governo a abertura das suas alfandegas ao producto similar estrangeiro, do qual nos estamos aos poucos libertando.

Vemos a questão sob dois aspectos importantissimos para a economia nacional: o aproveitamento de uma riqueza nossa, com a retenção de ouro que do contrario teriamos de mandar para o estrangeiro, e as industrias que se podem organizar tendo como materia prima o sal, e das quaes resalta, no momento, a industria de xarque.

Dentre as pessoas ouvidas na sessão, o Snr. Deputado José Augusto, filho de um Estado que, por si só, poderia abastecer de sal não somente o Brasil inteiro, mas, até a America do Sul, deu o seu depoimento, por tudo isso muito valioso.

Procuraremos, aqui, resumil-o afim de dar uma idéa tanto perfeita quanto possivel do pé em que se encontra a questão. Declarou S. Exa. que, em 1915, apresentou á Camara um projecto sobre a materia, e trouxe, para documentar os seus assertos, varios attestados dos xarqueadores do Rio Grande e Minas Geraes, declarando haverem empregado com absoluto exito, o producto brasileiro. O então Deputado Nabuco de Gouvêa apresentou, na mesma ocasião, entretanto, attestado em sentido absolutamente contrario, firmado pelo Cel. Pedro Osorio, o que prejudicou inteiramente a sua iniciativa.

Entendia o Sr. José Augusto — e com elle a Sociedade — que a questão da qualidade do sal nacional é materia vencida, pois a propria estatistica da nossa importação de sal estrangeiro é um indice seguro nesse sentido: dos 120.000.000 de kilos consumidos no paiz apenas 10 milhões são de proveniencia extranha.

O proprio autor do recente projecto, a que nos referimos antes, e que procurara ouvir a respeito a opinião, do Sr. José Augusto, considerava a questão da qualidade do sal nacional como fóra de qualquer duvida, e somente o justificaria a elevação exorbitante e injustificativa do preço da mercadoria no commercio.

Portanto, a questão ficaria enquadrada nas duas seguintes conclusões:

- 1.ª — a qualidade do sal nacional é boa e serve perfeitamente a todas as applicações, inclusive á industria "saladera", apenas dependendo, quanto a esta, de um processo de "cura" que. a desorganização actual do productor não permite;
- 2.ª — a quantidade de sal produzido no Brasil, e a sua capacidade de produção, não autorizam medidas de excepção em favor da entrada de similar estrangeiro.

Esta situação poderia ser facilmente resolvida com a intervenção do Governo harmonizando os salineiros, commerciantes e consumidores, baixando uma regulamentação com recommendações, ou, melhor, estabelecendo uma classificação do producto, auxiliando-se financeiramente o productor para evitar o preço baixo, e, consequentemente, a entrega desordenada ao commercio, com as graves inconveniencias apontadas.

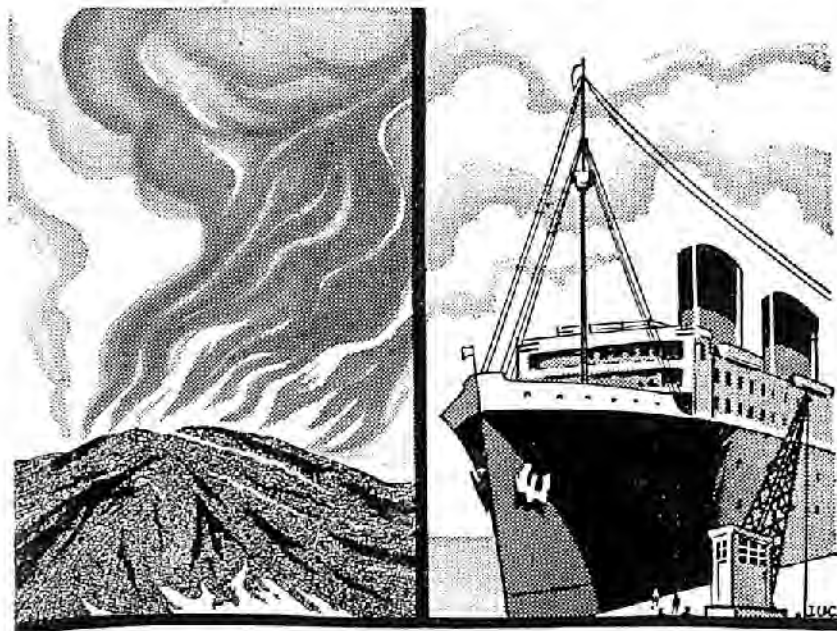
E' preciso dizer-se que o Brasil não tem dado, até aqui, a importancia que a industria do sal merece, não só porque se trata de um producto de grandes possibilidades de extracção, como pelas industrias a que daria logar, bastando citar-se a de soda caustica, cujo consumo no Brasil é de cerca de 150 toneladas diarias, o que importa dizer um consumo de 300 toneladas também diarias de sal — isto, para não falar nos productos destinados á defesa nacional, como o chloro, e outros.

A SEMANA DO LEITE

A Sociedade Nacional de Agricultura, por proposta de um de seus membros, feita em sessão de Directoria, resolveu realizar no recinto da Feira de Amostras, na primeira semana de Novembro, isto é, de 4 a 10, a **Semana do Leite**, cooperando desta forma para o maior desenvolvimento da industria de lacticinios e do consumo do leite no paiz. Para organização do respectivo programma foi constituida uma comissão composta dos Srs. drs. Marcos Migliewich, chefe de Serviço de Leite da Saude Publica; Julio de Azurem Furtado, director do Saneamento Municipal; Jorge Sá Eart, Assistente do Instituto de Biologia Animal; Otto Frensel, director do Boletim do Leite; Luiz Vieira, inspector do Departamento Nacional da Producção Animal e Euzebio de Queiroz Mattoso Camara, director do O' Campo. A referida comissão, iniciando logo os seus trabalhos, conferenciou com o dr. Laerte Prazeres, director da Feira, de quem conseguiu permissão para a realização do opportuno emprehendimenio naquelle local. No dia 7 de Novembro, quinta feira, será feita farta distribuição de leite ás crianças das escolas,

fornecido gratuitamente pelos entropostos da cidade. Do programma constam tambem diversas palestras sobre o leite e seus derivados, e serão realizadas pelos technicos da materia, bem assim demonstrações sobre exames de leite, manteiga etc., perante o numeroso publico que visita habitualmente aquelle certamen. O programma das palestras está assim organizado: "Leite, sua composição, definição, valor como alimento", pelo inspector Luiz Vieira; Manteiga, por Manoel Zenha de Mesquita, technico do Ministerio da Agricultura; Queijos, Jorge de Earp, assistente do Instituto de Biologia Animal; A industria de lacticinios no Brasil, por Otto Frensel, director do Saneamento da Prefeitura; Alimentação dos cavallos de corrida pelo leite, por Euzebio de Mattoso Queiroz, director do O' Campo. No recinto da Feira, em local previamente determinado, serão expostos quadros de propaganda do leite, graphicos, folhetos etc. A comissão conseguiu tambem o apoio e o auxilio do Ministerio da Agricultura, por intermedio de seu Departamento de Producção Animal.

PARA QUEIMAR, NÃO!



Machina S. Paulo

PARA queimar, não! Para exportar, sim! Um producto para exportação deve ter todos os requisitos que o recommendem: qualidade superior e aspecto primoroso. Tratando-se de café,

precisa ser fino, de classificação perfeita, bem catado e isento de qualquer defeito. Beneficie-o na MACHINA S. PAULO: automaticamente, de uma só vez, lhe dará todos os tipos officiaes exigidos pela exportação.

UNICOS FABRICANTES

B. PENTEADO S/A

Escritorio central - Limeira - E. de S. Paulo - Filial em S. Paulo - R. Floren-
cio de Abreu, 131-A - Agencia no Rio de Janeiro - R. da Quitanda, 185

Standard

Organização de um Amoreiral

MARIO VILHENA

Eng. Agrônomo Professor de Sericicultura da Escola Superior de Agricultura e Veterinária de Viçosa.

1.º *Por que se cultiva a amoreira?* A amoreira é cultivada para se ter alimento para o bicho da seda, cuja criação pôde ser praticada com resultados satisfactorios em todo o Brasil. Em nosso paiz, a amoreira vive muito bem, sem a maioria das exigencias de outros paizes que se dedicam á sericultura. Os brasileiros devem aproveitar a benignidade de nosso clima para a amoreira, cultivando-a ao lado de outras plantas industriaes, para que elevemos de 600.000 kls. a nossa ultima safra de casulos, a 10.000.000 kls, que é o que annualmente consumimos. Em nenhum paiz se encontram as magnificas condições naturaes de que dispomos para a sericultura. Devemos, pois, cultivar a amoreira e criar em larga escala o bicho da seda.

2.º *Onde plantar a amoreira?* A cultura da amoreira, como a sericicultura, não deve perturbar as actividades dos agricultores, pois a criação do bicho da seda deve ser sempre considerada no seu verdadeiro e mais util aspecto de industria subsidiaria.

Si a amoreira não requer solo de alta fertilidade para dar produção lucrativa de folhas, é intuitivo que, como as demais plantas, ella produza de accôrdo com a terra em que se acha, de maneira que, tanto melhor fôr esta, tanto maior será também a colheita de boas folhas. Recommendamos como regra geral, que a amoreira seja plantada de preferencia em terrenos elevados, bem batidos de sol, de media fertilidade, solo profundo e solto, — pondo de lado para este cultivo as terras baixas, muito humidas, os solos argilosos, compactos, impermeaveis.

Um processo economico e pratico de se cultivar a amoreira consiste em, com ella, cercar os terrenos de varias culturas, os pomares, jardins, aviarios, etc., de maneira que a nossa *arvore de ouro* permita perfeitamente o aproveitamento dos bons pedaços de terras com as culturas communs embellezando-os, protegendo-os e ainda fornecendo folhas para as criações do bicho da seda, fructos para as aves e para as nossas compotas, forragem para o gado e alguma lenha.

Nos cantos de terras, onde não se pôde por qualquer motivo plantar outra coisa, colloquemos ahi alguns pés de amoreira, ou um que seja. Em ultimo caso, estaremos plantando arvores e deve ser sempre bemdita a mão que planta arvores.

3.º *Quando plantar?* Em agosto, setembro, conforme a localidade, quando as amoreiras, no Brasil, despertam do seu rapido repouso invernal, o agricultor, que antes estudou um pouco sericicultura e se convenceu das suas multiplas vantagens, está na epoca melhor para iniciar

o seu cultivo de amoreira, o qual pôde ser effectuado também em todos os mezes da estação chuvosa. O terreno para o viveiro, ou as cóvas para o plantio definitivo, conforme o caso, deverão, no momento do plantio, ter 2 a 3 mezes de preparados, e não se fazer isso de vespera, como é habito entre nós.

Não convem enviveirar ou transplantar em grande escala durante a secca, porque, então o aproveitamento será pequeno, com trabalho de irrigação, etc., encarecendo a organização do amoreiral, o que é errado.

4.º *Como plantar?* Lavrado o terreno para viveiro com antecedencia — o qual deve ser feito em local plano, com facilidade de irrigação, e ter sido bem preparado, como se faz para qualquer viveiro, — o sericultor retira estacas de 0m,40cm, de comprimento (com 4 a 5 gemmas), grosura de um dedo, de amoreiras adultas, absolutamente sadias, e com farta produção de optimas folhas, lembrando-se de que as estacas darão em tudo uma planta igual á arvore mãe. A estaca é a semente do amoreiral e uma semente precisa ser sempre recolhida com o maximo rigor — Bom principio — Bom fim.

As estacas maduras, seleccionadas, são plantadas no mesmo dia no viveiro, á distancia de 0m,20, ficando uma linha separada 0m,40 da outra. Abrem-se para isso, antes, sulcos de forma que, plantadas, as estacas fiquem ligeiramente inclinadas e com 2/3 do seu comprimento embaixo da terra.

As estacas muito finas ou grossas em demazia, colhidas ha muitos dias, com signaes de pragas ou doenças, verdes, filhas de pés novos de amoreira, não devem nunca ser enviveiradas. E' preferivel não plantar a amoreira a plantal-a sob essas condições.

O viveiro deve sempre ser mantido livre de hervas damninhas, escarificado de quando em quando e irrigado si faltam chuvas por muitos dias, observando-se a terra ressecada.

Brotadas as estacas, escolhe-se o broto mais forte e bonito, si possivel mais perto da ponta, supprimindo-se os demais; o broto eleito constituirá o futuro tronco da amoreira e, permanecendo só, toda a força da muda se concentrará nelle, formando-se uma arvore robusta e productiva. Si o agricultor não dispõe na sua propriedade, de amoreiras aptas ao fornecimento de estacas, elle obterá estas, gratuitamente: a) na Inspectoria Regional de Sericicultura em Barbacena; b) na Escola Superior de Agricultura e Veterinária do Estado de Minas Geraes, em Viçosa; c) na Secretaria da Agricultura de Minas Geraes (Estação Experimental de Agricultura,

em Bello Horizonte); d) na Estação Sericícola de Vargem Alta, Espírito Santo; e) na S. A. Industrias de Seda Nacional, Campinas, São Paulo; etc., etc. Nesses endereços, elle terá também, quaesquer informações em torno da sericicultura em geral.

5.º *Como se cuida da amoreira?* Do viveiro as mudinhas são transplantadas para o local definitivo, constituindo finalmente, o amoreiral. Não se pôde fixar o tempo em que as mudas permanecerão no viveiro, enraizando-se devidamente, formando o seu tronco, porque isso é comprehensível, depende das condições de ambiente (clima e solo) e ainda do capricho maior ou menor do sericicultor.

Em geral, porem, 12 mezes depois do enviveiramento as mudas estão em condições de serem plantadas no local definitivo, em covas abertas com alguma antecedencia. Constitue erro grave deixar as mudas envelhecerem no viveiro, tornando-se verdadeiras arvores, para depois se proceder á sua transplantação. A distancia entre as covas varia com o systema que se adaptar. (planta-se a amoreira com estas distancias. 3m x 3m, 4m x 4m, 5m x 5m) e coma fertilidade do terreno, recommendando-se o compasso maior para as terras melhores.

Retirada do viveiro — arranca-se de cada vez, a quantidade de mudas que pôde ser plantada no mesmo dia, não convindo guardal-as para plantio posterior, principalmente com as raizes expostas ao sol, — a muda é podada a 0m,50 de altura (colhe-se a folha com mais facilidade de amoreiras baixas, não se usando mais as arvores altas, nas quaes a colheita e os tratos culturais requeriam escadas) e despojada de toda a sua forragem, permanecendo somente o tronco. Encurta-se a raiz principal e cortam-se as demais nos pontos feridos pelo arrancamento.

Só se transplantam do viveiro para o local definitivo mudas optimas, sadias, futuras, inutilizando-se imple dosamente as mudas imperfeitas, rachiticas, praguejadas ou doentes. Plantada a muda no centro da cova (de 0m,50 x 0m,50) amarrada a um tutor de bambu, não se enterrando demais, mas somente alguns centimetros acima do collo, irriga-se bem.

A muda emittirá brotos em todo o tronco, cabendo ao sericicultor arrancar-os ao seu apparecimento, deixando apenas tres brotos mais proximos da ponta e dispostos em direcções differentes.

Quando estes ramos estiverem bem lenhificados, serão podados a 0m,20 do tronco, deixando-se, após, em cada um delles, dois brotos em sentidos oppostos; uma segunda póda de educação reduzirá estes dois ultimos galhos, quando maduros, também a 0m,20 de distancia dos tres primeiros galhos, ficando a seguir em dada ramo apenas dois brotos como anteriormente e que serão depois podados, — tudo se educando a copa da amoreira para a fórma de um vaso aberto, que é mais accetada, porque permite perfeita ventilação entre os ramos e assegure farta producção de boas folhas.

Abaixo da copa não se permittirá, desenvolvimento de ladrões.

Quando o matto invade o amoreiral, uma capina é necessaria; no inverno, pratica-se uma poda de limpeza, suprimindo-se, os galhos seccos, cruzados, doentes, improductivos, caiaando-se os troncos na mesma occasião, como medida preventiva.

A *póda de producção*, que varia muito, conforme as localidades, visa arejar os ramos, evitar a frutificação e manter a planta na sua forma regular de vaso aberto, convindo sempre os cortes frequentes de ramos pequenos de preferencia á póda de galhos grossos.

Uma pratica muito util consiste no plantio de *feijão de porco*, e permanentemente, no meio das amoreiras, conhecido como é, o valôr dessa leguminosa na manutenção ou restauração da fertilidade dos solos.

Em resumo, os cuidados culturaes tem por fim manter o amoreiral em perfeitas condições de sanidade e produtividade.

6.º—*Colheita e renda de um amoreiral* — Um dos erros mais communs dos nossos sericicultores consiste em colher muito cedo as folhas de amoreira, não esperando como se deve, que a arvore conclua a sua formação tornando-se a adulta.

A colheita assim precoce prejudica fortemente a arvore e fornece folhas improprias á alimentação das lar-

SENHORES AGRICULTORES!!! FORMICIDA EM PÓ

USEM SÓ

“Morte às Formigas”

50 RÉIS é o custo maximo de cada litro do melhor formicida que existe! Uma lata de formicida concentrada em pó, marca “Morte às Formigas”, dá para 120 litros de solução super-extra-forte, infallivel na extincção de formigueiros.

DR. OLESEN & Cia. — Rua S. Pedro, 115 — Rio de Janeiro

Depositaries em S. Paulo: Comp. Ind. e Mercantil “CASA FRACALANZA” Rua Piratininga, 96

Venda-se em toda parte - Exigir sempre a marca “MORTE ÀS FORMIGAS” - Uma lata pelo Correio..... 6\$

vas do bicho da seda. Portanto: um erro com duas consequências igualmente más, que devem ser evitadas.

A 1.ª colheita de folhas só deve ser realizada depois que a árvore recebeu as pódas de educação, está adulta; a época para essa colheita varia com as localidades, sendo mais rápida, nos solos férteis e onde o clima é mais quente.

Por outro lado nunca se deve distribuir folhas de ramos novos, verdes, às larvas, mas só distribuir folhas colhidas de ramos maduros.

O rendimento do amoreiral varia enormemente, dependendo destes factores: idade — variedade — sistema de cultivo — cuidados culturais — clima — solo — época da colheita, etc.

No Brasil, em geral, cada amoreira fornece durante o anno sericícola — que vai de setembro a abril — maio no centro e no sul — três cargas de folhas, podendo-se colher de cada pé, em cada safra, 5, 10, 15 Kls e até 20 Kls. de folhas, como observámos na E. S. A. V., de Viçosa onde uma amoreira de optimo desenvolvimento, com 3 annos, produziu 22Kls.,500 de folhahs, numa colheita!

Finalmente, informamos que na ESAV, o preço de cada amoreira adulta, em inicio de exploração, compreendendo prepara do terreno, plantio, replantas, cuidados culturais, etc., é de \$600. Assim, uma cultura de 1.000 pés, a 5m. x 5m, occupando, pois, 25.000m² de terra (pouco mais de meio alqueire mineiro), custa ... 600\$000 e produzirá, no 1.º anno de exploração (calculado-se três colheitas de 5Ks, cada uma por pé, a renda total e bruta de 3:600\$000 desde que se obtenha, nas três criações de 150 grs. de ovulos cada uma, uma colheita total de 900 Ks. de casulos verdes, vendidos a 4\$000 o Kl. Como se vê, meio alqueire de terra plantado racionalmente com amoreiras, e aproveitado com intelligencia, pôde produzir, cerca de 300\$000 brutos, renda que não deixa de ser apreciavel, digna de ser considerada pelos nossos lavradores como uma optima renda.

Serviços de Assistencia Agricola

O Dr. Luiz Piza Sobrinho, Secretario da Agricultura do Estado de S. Paulo, enviou ao seu collega da Justiça, a que está subordinado o Departamento de Administração Municipal, que superintende a todas as Prefeituras, longa exposição, em que pede seja incluída nos orçamentos municipaes do anno vindouro uma verba para o estabelecimento de assistencia agricola, com a criação do cargo de agronomo municipal.

Sugger, outrosim, o titular da Agricultura, medidas tendentes a crear uma perfeita unidade de vistas entre o serviço de assistencia agricola das municipalidades. Na sua longa exposição, o sr. Luiz Piza Sobrinho demonstrou que são precisamente os pequenos lavradores os que mais necessitam da assistencia agricola, afim de

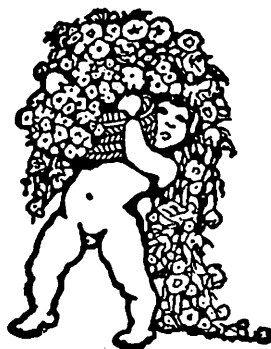
abandonarem os methodos empiricos que ainda usa a immensa maioria, pois que as 274.738 propriedades agricolas que São Paulo possui, segundo recenseamento procedido em 1934, assim se decompõem: 109 562 com menos de cinco alqueires; 57.337 de mais de dez a vinte e cinco; 23.766 acima de vinte e cinco e até cincoenta; 18.775 de mais de cincoenta a duzentos; 939 de mais de duzentos a quinhentos e 2.020 de mais de quinhentos alqueires.

A criação da assistencia agricola não trará onus aos municipios, porquanto estes gozando de assistencia tecnica por parte do Estado, no que diz respeito às obras de engenharia poderão doravante supprimir em seus orçamentos as verbas destinadas á manutenção de serviços de engenheiros civis.

Acredita-se em meios autorizados que ainda este anno cerca de cincoenta municipios crearão o serviço de assistencia agricola suggerido pelo sr. Luiz Piza Sobrinho, suggestão esta que já tem encontrado franco apoio e applausos por parte dos lavradores.

"A Lavoura", organ da Sociedade Nacional de Agricultura, regista a noticia com especial satisfação, por vir a idéa do illustre Secretario da Agricultura de S. Paulo ao encontro de suggestão formulada pela instituição, ha pouco tempo, a todas as Municipalidades do Paiz. Em sessão de Directoria de Sociedade, o Sr. Torres Filho assignalou o facto, propondo, com approvação unanime, um voto de congratulações com o seu autor.

CASA FLORA Schlick & Nogueira



Rio de Janeiro
Ouvidor, 61
Gonç. Dias, 67

•
TRABALHOS
MODERNOS EM
FLORES PARA
TODOS OS FINIS.

PLANTAS - fructíferas e
ornamentaes.
SEMENTES - importação directa.
FERRAMENTAS - INSECTICIDAS
A J A R D I N A M E N T O .

Inflamáveis e explosivos de aplicação na agricultura

Difficuldades que inpedem a sua mais larga utilização

A Sociedade Nacional de Agricultura, de accordo com o que foi deliberado em uma de suas sessões semanaes, por iniciativa do Dr. Altino de Azevedo Sodré, dirigiu aos Srs. Prefeito do Districto Federal, Secretario da Agricultura de Minas Geraes, da Producção do Estado do Rio, Ministro da Agricultura do Rio de Janeiro e Chefes de Policia do Districto Federal e Estado do Rio de Janeiro, o seguinte officio:

Esta Sociedade tem sido constantemente solicitada pelos agricultores do sul de Minas Geraes, do Estado do Rio e do Districto Federal, afim de providenciar junto aos poderes competentes no sentido de serem removidas as serias difficuldades que resultam dos accordos realisados entre as policias do Estado do Rio e do Districto Federal, em torno do transito de materiaes de applicação na agricultura, considerados por esses departamentos como inflamáveis. Taes accordos, visam o combate ao extremismo, pela intensificação da repressão do porte, fabrico, commercio, emprego e uso de materias explosivas, inflamáveis, fogos de artificio, armas, munições e productos chimicos, aggressivos e corrosivos.

Pela Portaria n. 7, baixada pela Repartição Central de Policia do Estado do Rio de Janeiro e publicada no Diario Official do Estado em 4-4-35, o legislador inadvertidamente e incluiu o algodão (pennugem sedosa que envolve a semente do algodoeiro) na lista dos explosivos, assim como o enxofre em bruto ou sublimado, na lista dos inflamáveis.

Ora, de mixtura com o arsenico é o enxofre em bruto queimado em innumerous aparelhos para o combate á SAUVA, sem duvida o maior flagello do agricultor brasileiro. De mixtura com a cal, serve o enxofre sublimado para a confecção de um dos mais poderosos insecticidas que se conhece — a calda SULFO-CALCICA. O proprio enxofre sublimado e finalmente pulverizado é de larga applicação na lavoura, como insecticida efficaz contra determinadas pragas.

Para sahir qualquer quantidade de enxofre, acima de dez kilos, do Districto Federal para o interior do Estado do Rio ou para o Estado de Minas e destinado á lavoura, terá o lavrador que cumprir as seguintes exigencias.

- A) De obter licença para uso destes productos, na 3.ª Delegacia Auxiliar do E. do Rio, pagando pelo alvará de 100\$000 á 300\$000.
- B) Pagar em sellos á Prefeitura e Policia do Dis-

tricto Federal 15\$400 para a obtenção das guias de transito.

C) Deverão estas guias ser visadas pelos Delegados Regionaes e á elles communicada por escripto a applicação dada ao enxofre.

D) Nenhum alvará ou licença para o uso do enxofre será concedido, sem previa vistoria feita pelo D. P. T. do Estado do Rio, quer o lavrador seja fluminense ou mineiro.

Ora, tratando-se de um producto de applicação geralmente urgente, de soccorro ás plantas atacadas por pragas que surgem inesperadamente, as exigencias não só encareceram excessivamente o producto, como tornaram-no quasi inapplicavel para a lavoura, quando todas as facilidades deveriam ser proporcionadas, para sua larga applicação.

Durante o debate do assumpto, em reuniões desta Sociedade, foram citados casos concretos dessas difficuldades, inclusive o de um lavrador de S. Gonçalo que viu decorrerem-se tres mezes entre a compra de uma tonelada de enxofre e o seu recebimento, dahi resultando que quando o producto chegou á sua fazenda, delle não mais necessitava, porque sua lavoura já se achava arrasada pelas pragas que haviam invadido.

Esta Sociedade, entende que as medidas adoptadas, tendo como escopo impedir ou difficultar a fabricação clandestina de explosivos, não perderiam nada de sua efficiencia, desde que continuassem a ser exercidas sobre outros productos que entram na mixtura para a obtenção de taes explosivos e que não têm applicação na agricultura.

A lavoura, seriamente prejudicada com este estado de cousas, vem appellar para V. Ex. afim de que sejam revogadas taes medidas, tornando-se livre o transito dos materiaes de reconhecida applicação na lavoura e criação, taes como o salitre do Chile, o enxofre, o bi-sulfureto de carbono, o aluminio em pó ou em limalha, o algodão e etc., porque qualquer difficuldade creada ao commercio e transporte desses productos, resulta no seu encarecimento além de annullar-lhes a efficiencia de applicação.

Certos de favoravel acolhida, antecipamos agradecimentos e aproveitamos o ensejo para apresentar os nossos protestos de cordial estima e distincta consideração. — A) Arthur Tores Filho — 1.º Vice-Presidente, em exercicio.

Aspectos Leiteiros Brasileiros

OTTO FRENSEL

Director Technico da S. N. A.

INTRODUÇÃO

Não é de hoje que nos batemos pelo leite, sua produção, transporte industrialização, distribuição e consumo. Desde 1919, quando pela primeira vez travamos conhecimento com esses importantes problemas, lentamente fomos dedicando grande parte do nosso tempo em prol de uma, embora bem modesta até hoje, contribuição para essa transcendente questão. Pertencendo desde o começo do corrente anno á Directoria Technica d'essa benemerita Sociedade, immerecida honra que jamais havemos de olvidar, tivemos por diversas vezes ensejo de falar e escrever a respeito d'esses assumptos que tanto nos apaixonam.

Voltamos hoje a tratar d'esses problemas, afim de, em ligeiro resumo, mais uma vez chamar a atenção das nossas autoridades e dos directa ou directamente interessados, afim de que, finalmente se possa esboçar ou melhor realizar um movimento em prol de sua tão necessaria solução.

Nunca pretendemos ser originaes: em nossas considerações, pois, sempre vasamos os nossos modestos conhecimentos não só nos grandes ensinamentos dos mestres de muitas nações, mas também nos dos competentes mestres brasileiros, que felizmente também possuímos e que nunca deixaram de nos dispensar a sua preciosa atenção e valiosos ensinamentos, razão porque sempre lhes dedicaremos a nossa sincera gratidão. Por isso mesmo muitas vezes repetimos os seus valiosos conceitos e si n'elles tanto insistimos é porque fizemos nosso o dictado que diz: agua molle em pedra dura, tanto bate até que fura.

VALORES

Em uma das nossas ultimas palestras n'esta casa chamamos a sua atenção para o valor que o leite e seus derivados representam na economia brasileira. Desejamos recordar essas cifras que dizem muito mais do que grandes tratados. Eil-as:

leite com	2.252.823.062 kg.	no valor de Rs.	672.708:918\$000
manteiga com	25.850.170 kg.	no valor de Rs.	129.248:850\$000
queijos com	37.444.360 kg.	no valor de Rs.	224.573:160\$000
diversos com	1.767.541 kg.	no valor de Rs.	3.958:454\$000

Estas cifras se referem ao anno de 1931 e tiramos-las de um trabalho, organizado sob a nunca olvidada brilhante Chefia do Dr. Aleixo de Vasconcellos no viço de Leite e Lactínicos do Ministerio da Agricultura, hoje extincto. E' deveras lamentavel que de então para

cá não se tenha continuado a controlar essas estatísticas, corrigindo-as e constatando os aumentos e outras modificações, por ventura, havidas.

Como se vê os lactínicos representaram n'aquelle anno na economia nacional mais de um milhão de contos de réis. Elles eram então apenas superados pelo café e pelo milho e approximados pelo arroz e pelo assucar. Hoje, apesar de tão lamentavel falta de dados mais seguros, podemos admitir que a proporção seja a mesma, embora a quantidade tenha augmentado. Modificações para mais parece que sómente se verificaram nas fructas (notadamente laranjas) e no algodão.

ASPECTOS ESTADOAES

A industria de lectínicos é praticamente originaria do Estado de Minas Geraes o qual durante as primeiras dezenas de annos produzia quasi o total do consumo de origem nacional, continuando até hoje a leaderar em quantidade. Não fazem, de facto, muitos annos que esse Estado abastecia quasi que exclusivamente os mercados do norte com manteiga e queijos e o leite em especie para consumo immediato do Rio de Janeiro e de S. Paulo, provinha em sua grande maioria d'esse Estado. Hoje esse estado de cousas mudou muito, como veremos a seguir por um ligeiro resumo das actividades leiteiras dos demais estados. Antes porém, algumas palavras a respeito das possiveis causas da não participação do dos demais estados. Antes, porém, algumas palavras á Estado de Minas nos aumentos de consumo de leite e derivados, verificados nos seus até então quasi que exclusivos mercados. Dissemos propositalmente augmento de consumo, pois, não só devemos considerar o augmento das populações e a quasi completa redução, de então para cá, dos productos de origem estrangeiras, como também uma certa, embora bem lenta, quasi imperceptivel, tendencia para um augmento de consumo por habitante. Acreditamos que essa perda de mercados se deva á necessidade do emprego de actividades e capitales locais e ao aproveitamento das condições locais favoraveis, até então ignoradas, ou não observadas, in-

centivadas muitas vezes ainda por favores concedidos pelos respectivos governos estadoaes. Estes pontos, como já dissemos sobressahirão especialmente na analyse das condições dos diversos estados. O maior facto, entretanto, se nos afigura encontrar-se no facto de não

ter o Estado de Minas procurado manter aquelles mercados pela organização economica e, notadamente, de boa qualidade dos seus productos. E' duro dizel-o mas, salvo algumas honrosas excepções, a industria de lacticinios n'aquelle Estado não melhorou nada, continuando em grande parte ainda nas suas condições antigas. Agora que o mal feito está fazendo sentir os seus effeitos, é que muitos querem remedial-o, apesar do que ainda encontramos a notavel falta de logica da opposição a medidas governantaes que justamente visam contribuir para a melhoria da qualidade e organização da produção.

Vamos, porém, passar uma ligeira revista nos diversos estados. Começaremos pelo Estado de Amazonas a respeito de cujas condições actuaes ouvimos n'esta casa ha pouco tempo a competente palavra do nosso distincto amigo, Dr. Luiz Gonçalves Vieira, Inspector do Departamento da Praducção Animal que com tanta felicidade se desempenhou n'aquelle estado justamente de uma missão que diz respeito ao mesmo assumpto da nossa presente palestra. Ouvimos o quanto é pequeno o abastecimento de leite da Capital e a produção de derivados, cujo consumo na grande maioria ainda é satisfeitos pelos Estados de Minas, Santa Catharina, etc. Vifeito porém, também o incentivante interesse que as autoridades respectivas vêm dedicando á solução d'essa questão, interesse este que justamente motivou o convite e a ida do citado competente tecnico do Ministerio da Agricultura para lá.

No Estado do Pará, a produção de derivados parece ser inferior ainda á do Amazonas o mesmo acontecendo com relação ao consumo de leite de sua Capital. Sob a competente orientação do tecnico do Departamento Nacional da Industria Animal do Ministerio da Agricultura, Dr. Luiz Fernando Ribeiro, que então, occupava o cargo de Secretario da Agricultura d'aquelle Estado iniciou-se um serviço de melhoramento das condições de abastecimento de leite de Belém.

No Maranhão as condições não são outras, cogitando-se, porém, da organização do abastecimento de leite hygienico da capital.

No Piauí as condições também não são outras, senão do nosso conhecimento a existencencia de algumas poucas fabricas de manteiga no Interior. Sabemos que para uma dellas o proprio Estado recentemente contrahiu um tecnico especialista.

No Ceará a situação não era differente até ha bem pouco, mas tivemos ensejo de travar conhecimento ultimamente com um dos directores de uma grande sociedade que se está desde ha pouco, occupando com o abastecimento hygienico de leite da Capital e a fabricação por processos modernos de manteiga e queijos.

Sobre o Rio Grande do Norte, podemos citar uma cidade adeantada do nosso ponto de vista: Campina Grande. Esta cidade já possui uma usina moderna de beneficiamento de leite para consumo e fabricação de manteiga e queijos para cujo fim contractou recentemente

um competente tecnico dinamiquez. Enquanto isso na Capital — João Pessoa — se debatem ha muito tempo os interessados á respeito da necessidade ou não do beneficiamento do leite produzido para o seu consumo.

Chegamos agora ao Pernambuco, Estado em que a fabricação dos lacticinios, notadamente da manteiga, vem tomando ultimamente grande surto, especialmente em Pesqueira. Será, talvez, esse Estado que ao Brasil inteiro venha á dar o maior exemplo de organização da produção leiteira e do abastecimento hygienico de leite das suas cidades. Este exemplo será devido á um dos mais competentes technicos especialistas brasileiros o Dr. Renato Ramos de Faria, Chefe do Serviço de Fomento da Produção Animal d'aquelle Estado. Estudioso antigo do assumpto, tendo se formado na especialidade na Suissa e viajado diversas vezes e longamente nos paizes mais leiteiros da Europa, recentemente ainda por ocasião do 10.º Congresso Mundial de Lacticinios, aonde representou o seu Estado, elle teve ensejo de visitar a Italia, Austria, Suissa, Dinamarca, etc. Seria longo detalhar aqui a extraordinaria organização que esse tecnico, como fructo de longos e perseverantes annos de estudos e luta, está levando a effeito. Sabemos que já está em construção a usina modelo de abastecimento de leite da capital na qual serão empregados os mais modernos processos, inclusive a standartização que é hoje o processo mais adiantado para o fornecimento de um leite integral na verdadeira acepção d'essa palavra. Sabemos que annexo a esse estabelecimento será erigido um Instituto de Pesquisas do Leite. Entre os planos a serem realizados mais importancia tem aquelle que divide o Estado em três zonas: a primeira e mais proxima ao Centro consumidor de leite em especie, destinada á produção de leite para este fim, a segunda, mais afastada, para a produção de manteiga, queijos, etc., e a terceira, ultima e mais longinqua, destinada ao gado de corte.

Alagôas e Sergipe estão nas condições de alguns Estados já citados, embora também n'elles, como em toda parte, se venha notando ultimamente um movimento intenso em pròl da organização da questão leiteira.

Já a Bahia é um pouco veterana em assumptos leiteiros, possuindo até duas usinas que fornecem leite pasteurizado do interior para a Capital. A produção manteigueira d'esse Estado que é a mais importante, pois, a queijaria está sendo objecto de estudo de alguns competentes technicos que esse Estado já possui, notadamente, em sua Directoria de Agricultura e Escola Agricultura e Escola Agricola, de Monte Serrat, originou-se, segundo parece, na Zona de Mundo Novo, mas em breve se constata as excellentes condições para esta finalidade na zona de Conquista e com tanto successo que essa zona quasi que produz a totalidade da manteiga fabricada n'esse Estado. Em poucos dos ultimos annos essa produção já attingia a um terço do consumo total do Estado o que não deixa de ser um progresso deveras apreciavel. Não admira também que dadas as suas excellentes condições a zona de Conquis-

ta tenha sido chamada de Palmyra da Bahia, lembrando a grande zona lacticinista de Minas de igual nome. Compreendo bem o futuro que essa zona e com ella a industria bahiana de lacticinios tinha deante de si, o Governo Bahiano resolveu installar n'aquella zona o seu primeiro Posto de Lacticinios no anno passado. A direcção d'esse posto está entregue a um competente technico bahiano o qual já formou a primeira turma de lacticinistas.

O Espirito Santo tem uma industria de lacticinios muito pequena, embora tambem existam indiscutíveis possibilidades de desenvolvimento, como se acaba de verificar com os recentes estudos em torno da organização de uma Cooperativa Leiteira em Cachoeiro do Itapemirim sob a competente orientação do Inspector de Fomento da Producção Animal do Ministerio da Agricultura n'aquella zona. Celebres são as diversas tentativas fracassadas em pról de um abastecimento hygienico de leite de Victoria, cujo leite conforme quasi todas as capitaes e demais cidades, notadamente do Norte, provem de estabulos⁴.

No Estado do Rio de Janeiro a producção de manteiga e queijos, segundo as já citadas estatísticas, tiveram uma queda tremenda nos ultimos annos. A manteiga cahio de 2.219.931 kg. em 1920 para 450.000 kg. em 1931. O queijo de 6.910.0010 para 1.200.000 kg. nos mesmos annos. Em compensação no abastecimento de leite da Capital Federal apresenta um augmento consideravel, subindo de 9.000 litros diarios em 1921 para 64.000 litros em 1930. Estes ultimos dados são do Serviço de Fiscalização de Leite e Lacticinios do Rio de Janeiro. Ultimamente a producção de queijo e manteiga deve ter augmentado bastante, mas infelizmente nos faltam dados seguros. Lembremos, porém a existencia n'esse Estado de zonas de producções muito grandes, como por exemplo o Municipio de Barra Mansa que produz uns 60.000 litros diarios. Nos ultimos annos este Estado ficou dotado de algumas usinas de exportação de leite modernas e de propriedade de organizações semi-cooperativas.

O Estado de Minas Geraes, continua a ser, como já assignalamos, o lader da producção de leite e lacticinios do Brasil. A sua producção de manteiga e queijos não apresenta consideravel augmento no periodo de 1920 á 1931. No primeiro producto uns 30% e no segundo apenas 10%. De 1930 para 1931 houve uma queda de 10 e 15% respectivamente. Uma estatística que acaba de ser justamente publicada n'aquella Estado mostra que a producção em 1933 foi de 540.933.991 kg. de leite e lacticinios no valor de Rs. 472.584\$000. A producção de manteiga de 1931 para 1933 teve um augmento, pois, de ca. de 16.500.000 kg. passou para 17.800.000 kg. e os queijos de 36.800.000 kg. para 44.200.000 kg. accusando, pois, estes um augmento de veras apreciaavel.

Em materia de consumo e exportação de leite em especie, notaremos que de 1921 para 1930, baseados na

mesma estatística, a quantidade diaria passou de ... 44.600 para 61.000 litros. Essa differença accentua bem o progresso feito n'esse particular pelo Estado do Rio. Convem tambem lembrar que Minas sempre abasteceu São Paulo com grandes quantidades de leite, e derivados. Minas Geraes possui um dos regulamentos mais modernos de fiscalisação de leite do qual foi um dos principaes autores o Inspector de Engenharia Sanitaria, Dr. Lincoln Continentino, outro dos nossos mais competentes technicos na materia, possuidor de longos estudos nos Estados Unidos. Duas cidades — primeiro S. João d'el Rey e depois Juiz de Fôra — já possuem ha algum tempo modernas installações para o abastecimento hygienico de leite de suas populações, feitas rigorosamente de accordo com o citado regulamento. Infelizmente a Capital do Estado ainda não possui este indispensavel melhoramento, embora ha muito tempo se procure já solucionar esta questão.

Goyaz apenas possui fabricas de manteiga em zona proxima ao Estado de Minas e São Paulo, cujos productos são principalmente consumidos em São Paulo e pouco tambem na Capital Federal.

Dentre todos os estados, São Paulo apresenta tambem nos ultimos annos em materia de leite e lacticinios um surto formidavel e admiravel. Foi mais ou menos em 1920, embora tendo já uma pequena industria de lacticinios e fornecimento de leite pasteurizado de sua Capital, que São Paulo repentinamente iniciou a construcção de uma serie de usinas de exportação de leite no valle do Parahyba. Pouco depois já era muito grande o volume de leite do interior consumido pela Capital, mas cuja distribuição era feita em condições de difficil controle. Uma nova regulamentação impoz, então, a construcção de entrepostos modernos que ainda hoje admiramos: O Paulista na Estação do Norte, o União na Rua Rio Bonito e o Vigor na Rua Joaquim Carlos, isso na ordem do inicio de seu funcionamento. Capitaes enormes foram invertidos, calculando-se o valor das tres installações em perto de quinze mil contos de reis. Emquanto o Paulista e o Vigor eram de industriaes, o União era da Cooperativa dos Vaqueiros (donos de estabulos). Esta foi uma das iniciativas que mais nos empolgou na occasião, obra de um homem cujo nome recordamos com saudade e respeito: Dr. Sezefredo Fagundes Junior. Cruel doença arrancou-o, porém, da direcção e o breve fracasso de todo esse grandioso empreendimento muito depressa nos abriu os olhos sobre as formidaveis difficuldades que ainda se oppõem ao cooperativismo entre nos e como muitos exemplos posteriores comprovaram. Enfim, após curto prazo sobreveio pela concorrência e muitos outros factores um periodo de luctas que quasi por completo destruiu a obra tão auspiciosamente iniciada.

Entretanto, em Agosto de 1934 novo Regulamento surgiu, obra de um verdadeiro technico o Dr. Fausto d'Oliveira Quaglia, actual Insfector Chefe do Serviço de Fiscalisação de Leite e Lacticinios do Estado.

Cercado de um Estado Maior de auxiliares e technicos competentes, o novo Inspector em menos de meio anno, pois, já em Fevereiro p. p., quando lá estivemos, muita ordem vinha impondo no verdadeiro chãos existente. Pelo novo regulamento pela primeira vez entre nós se classifica o leite nas classes A, B, e C, assumpto sobre o qual escrevemos detalhadamente no Boletim do Leite do mez passado. Sob o ponto de vista, qualidade, naturalmente, mais nos impressionou o leite de consumo para este typo, pois a sua simples compreensão exige um estado mental bem differente do actual do proprio consumidor o que verificamos pela baixa percentagem de consumo deste typo de leite em Paizes adeantadisimos como os Estados Unidos aonde elle não perfaz mais de 1.5% do total consumido, não podemos, porém, deixar de insistir n'este typo, pois, elle representa o exemplo e o incentivo para melhora geral tão necessaria em materia de qualidade. As maiores difficuldades não existem effectivamente no preço elevado inicial d'este leite, mas sim como já dissemos na compreensão do seu valor pelo proprio consumidor. Dando-nos, portanto, este exemplo São Paulo nos mostra o caminho a seguir. Não o faz em theoria, como verificamos pelas granjas já existentes e, ultimamente, pela obrigatoriedade da refrigeração e engarrafamento do leite dos estabulos em sete Postos de Refrigeração aonde tambem será feito constante exame. E' um exemplo unico até hoje.

Em materia de producção de manteiga, notadamente São Paulo tambem progrediu admiravelmente, tanto assim que a propria Capital Federal já consome optima manteiga paulista. Notavel pareceu-nos a existencia de umas 12 fabricas de manteiga fresca, dentro da cidade, trabalhando com creme fresco recebido do interior. Uma dellas até já abriu uma fabrica filial na Capital Federal. Realmente é interessante saber-se que em quanto São Paulo consome uns 95% de manteiga sem sal, isto é fresca, na Capital Federal se dá justamente o contrario: mais de 90% de manteiga salgada. Gostos não se discutem evidentemente, mas não deixa de ser interessante.

Um dos aspectos novos do abastecimento de leite de São Paulo é a Cooperativa Central de Lactinios a qual, mediante um emprestimo comprou o Entrepoto Paulista e uma serie de usinas, notadamente, no valle do Parahyba. Quando lá estivemos em Fevereiro p. p. as usinas da Cooperativa estavam recebendo uns 60.000 litros diarios, mas vendendo apenas uns 22.000 litros, desnatando, portanto, o resto. Não queremos entrar em maiores epreciações sobre este assumpto, mas notamos que em São Paulo todos os concorrentes mantinham o mesmo preço e todo o excesso de leite da estação de aguas em que então nos encontravamos pagava-se unicamente com a Cooperativa e dahi a sua grande desnatação com evidente prejuizo, dado o preço baixo que a manteiga então tinha.

Emquanto Pernambuco se prepara para ensino e pesquisas e Bahia já ha algum tempo está proporcio-

nando este ensino, outros Estados pouco ou nada têm feito neste sentido, não constando a existencia de uma unica escola especializada de lactinios, São Paulo possui uma secção de leite e derivados com installações completas para hygienização de leite, fabricação de manteiga, queijos e outros derivados sob a direcção de competentes technicos em seu Departamento da Produccão Animal desde 1929. Lá tem cursado com successo muitos dos nossos actuaes technicos. Não comprehendemos, por isso, porque o Estado de Minas Geraes não tem um estabelecimento d'essa natureza, leader que é da industria, tendo até mandado fechar o seu unico estabelecimento ha annos atraz.

Desejamos tambem mencionar a Cia. Nestlé em Araras que ha tantos annos vem produzindo em suas modernissimas installações leite condensado e em pó para crianças que, juntamente com outras fabricas de Minas e do proprio Estado de São Paulo, tem substituido quasi por completo identicos productos até então só importados, evitando grande fuga do nosso ouro.

Chegamos ao Paraná que já possui uma industria de lactinios, embora pequena, bem desenvolvida, produzindo manteiga e queijos e tambem derivados da caseina, assumpto este ultimo do qual Minas e São Paulo sómente ha muito pouco tempo se lembraram, quando notadamente o primeiro já muito poderia ter feito com o leite desnatado jogado fóra em tantos milhões de litros actualmente. Um aspecto interessante apresenta recentemente a questão do abastecimento hygienico de leite de Curityba. Paara este fim uma grande parte dos productores de leite se juntou em cooperativa sob a direcção do competente tecnico, criador e conhecido, que é o Sr. Francisco Schaffer. Nada menos de cento e quarenta associados formaram essa Cooperativa, construindo uma moderna usina para hygienização do leite, aproveitamento das sobras, etc. Está ella, entretanto, soffrendo uma guerra terrificante de uma parte dos seus collegas que não entraram em sua sociedade, verificando-se ainda actualmente episodios empolgantes, como sejam greves, etc.

Santa Catharina possui já ha bastante annos uma regular industria de lactinios, tendo exportado principalmente manteiga para o Norte. Ultimamente tem havido grande desenvolvimento na fabricação de queijos e derivados da caseina. Algumas das fabricas são bem modernas. A obtenção da materia prima, entretanto, oferece ainda aspectos de bem difficil solução, visto ella ser produzida principalmente pelos colonos, localizados muitas vezes em pontos afastados de accesso difficil.

O Rio Grande do Sul possui uma industria de manteiga e queijos em franco desenvolvimento nos ultimos annos, embora a manteiga ainda se destine principalmente para o seu consumo interno. A producção, entretanto já é bem organizada, existindo diversas cooperativas com resultados satisfatorios. O abastecimento de leite de Porto Alegre teve um surto importante nos ultimos

tempos com a construção pelo Governo de um moderno Entrepasto e Usina Hygienizadora que em breve deve estar finalizada.

Matto Grosso e o Acre nada de interessante offerecem n'essa especialidade.

Quanto ao Districto Federal, o aspecto mais importante e interessante é o consumo de leite em especie. O consumo actual pode ser avaliado em 210.000 litros diarios, dos quaes a maioria provem dos Estados de Minas Geraes e Rio de Janeiro, como já vimos, e um pouco uns 7.000 ou 8.000 litros, do Estado de São Paulo. 180.000 litros, diarios de facto são importados do Interior e 30.000 litros fornecidos pelos duzentos e tantos estabelecimentos existentes no proprio Districto Federal. Enquanto o leite do interior é todo pasteurizado, o dos estabelecimentos fornecido cru, não é refrigerado e é engarrafado no proprio estabelecimento.

Ao fazer referencia ao Districto Federal, não podemos deixar de mencionar os competentes technicos do Ministerio da Agricultura e do Ministerio da Educação e Saude Publica, cuja brilhante acção se faz sentir em prol do progresso na maioria dos Estados. Dos ultimos devemos citar os Srs. Drs. Alberto de Paula Rodrigues e Marcos Miglievich, cujos trabalhos servem de ensino e mesmo padrão para os technicos de muitos estados que aqui tem feito com proficiencia os seus estudos sob a orientação d'esses technicos. Muitos dos seus trabalhos publicados servem de base para os trabalhos que os technicos de outros Estados estão levando a effeito e sempre tem sido para nós uma honra especial ter tido esse poder collaborar na disseminação d'estes trabalhos. O que os technicos da Saude Publica tem feito na parte de hygienização e fiscalização, outros competentes do Ministerio da Agricultura tem feito com grande beneficio para os interessados na parte da produção e da industrialização, entre os quaes resaltam indiscutivelmente os trabalhos do nosso prezado amigo, Sr. Manoel Zennha de Mesquita.

PRODUÇÃO

O factor mais favoravel, segundo exemplo de outros paizes, para a organização da produção é indiscutivelmente o cooperativismo, embora elle não possa evitar consequencias de crises mundiaes, como ainda vimos pelo recente exemplo da Dinamarca, cujos produtores, devido a perda ou redução de importantes mercados mundiaes, se vêm a braços com uma serie crise. Não cita-

mos este exemplo para desanimar, mas apenas para mostrar que o cooperativismo não é a salvação de todos os males. O Ministerio da Agricultura que está tão vivamente empenhado em prol do cooperativismo tem deante de si um formidavel campo de trabalho, cujo sector mais importante é indiscutivelmente a educação do productor para a perfeita comprehensão do cooperativismo.

Não menos importante é a educação do productor para a devida comprehensão de suas responsabilidades com relação a qualidade do leite que produz. Leite sujo, doente, etc. não serve para consumo em especie, nem para a fabricação de bons productos. Sômente a boa qualidade se pode impôr, si é que ha interesse não apenas em conquistar o consumo já existente, mas também aquelle que é mais importante: o que ainda não existe, em virtude do nosso tão baixo consumo de leite e derivados.

Foi principalmente com essa idea que nos propusemos trazer aqui o album de photographias que tão gentilmente nos foi offerecido pelo Sr. Pedro Romero da Granja S. Pedro em São Paulo, e o cartaz elaborado pela Associação dos Exportadores de Leite para o Districto Federal e, finalmente exhibirmos o film "O Leite em São Paulo" da citada Granja São Pedro.

BENEFICIAMENTO E INDUSTRIALIZAÇÃO

A Industria Brasileira de lacticinios também se sente em muitos dos seus factores de falta de organização, embora esta muitas vezes seja consequencia da falta de organização da propria produção, uma vez que quasi todos os industriaes também são productores. Entretanto, a acção dos respectivos serviços do Ministerio da Agricultura em collaboração com as Secretarias de Agricultura, dos Estados e das autoridades sanitarias federaes e estaduais e mesmo municipais, de accordo com a iniciativa tomada em boa hora pelo Sr. Ministro da Agricultura, Dr. Odilon Braga, em muito poderão contribuir para a solução d'esses problemas, como para os relativos a produção propriamente dita que mencionamos no capitulo anterior.

TRANSPORTE

Si bem que em muitas zonas a falta de transportes adequados seja de facto uma das causas que mais difficultam a organização e a boa qualidade, muitas vezes

FRANCISCO

GIFFONI & CIA.

DOENÇAS
DO ESTOMAGO, FIGADO e INTESTINOS
SAL DE CARLSBAD
EFFERVESCENTE DE GIFFONI
ANTI-ACIDO · CHOLAGOGO LAXATIVO

Rua 1.º de Março, 17

Rio de Janeiro

CONSUMO

20 litros de leite, 1 kg. de manteiga e 1 kg. de queijo por anno parecem tão pouco, mas para 40 milhões de habitantes são :

800.000.000 de litros de leite a \$800 reis.....	480.000.000\$000
40.000.000 de kilos de manteiga a 6\$000	240.000.000\$000
40.000.000 de kilos de queijo a 5\$000	200.000.000\$000

Si duplicarmos essa cifra ainda estaremos muito longe de qualquer paiz mas para a economia nacional o que isso não representaria? Não devemos, porém, ter ilusões **SO'MENTE PELA PERFEITA ORGANIZAÇÃO E BOA QUALIDADE** é que conseguiremos esse resultado.

EDUCAÇÃO

Em tudo quanto acima dissemos, passa como usual linha vermelha ininterrupta a clamante necessidade de erucção em todos os sectores, desde o productor até o consumidor. Tanto a Agricultura, como a Saude Publica tem ahi um campo vastissimo das maiores possibilidades. Já citamos parte da pobreza do que temos em prol de um programma educacional tão grandioso e tão necessario. Afinal é a alimentação que faz os cidadãos. Quanto ao productor citamos iniciativas em Pernambuco, Bahia e S. Paulo. Em Minas as escolas de Viçosa e Lavras tem pequenas secções de lacticinios que podemos reputar perfeitamente insufficientes para a grandiosidade da producção leiteira d'aquelle Estado. Não queremos com isso em absoluto negar o grande e patriotico trabalho que se está levando a effeito n'essas escolas e tambem em estabelecimentos congeneres de outros estados. As recentes informações pretadas pelo nosso caro collega de Directoria Snr. Altino Sodré sobre as "semanas do Fazendeiro" organisadas pelo Escola de Viçosa sómente nos podiam encher do mais intenso jubilo, pois ha de ser n'essas que se despertará a attenção do fazendeiro para a absoluta necessidade da hygiene na producção. Apesar d'isso devemos insistir na urgencia da installação de escolas de lacticinios, instigando de pesquisas e semelhantes, como se pretende or-

ganisar em Pernambuco, porquanto todas as organizações não poderão ser feitas ou mantidas, si não estiverem á sua frente technicos de facto. Para a propria organização de tudo isso em si, já ha necessidade imprescindivel de technicos que possam trabalhar lá fóra.

Quanto á educação do consumidor que deve ser simultanea com a do productor, pois, em ambas as classes a mais antiquada rotina ainda predomina de maneira deveras lamentavel, temos já diversas iniciativas que devem ter o maior desenvolvimento. As primeiras e sem duvida mais importantes intentadas entre nós devemos á competencia e actividade dynamica dos Snrs. Dr. Olyntho de Oliveira e Dr. João de Barros Barreto.

Referimo-nos á Campanha da Alimentação das Crianças do primeiro e á IPES, organização do segundo, tão conhecidas já de todos e em todo o Brasil hoje. O seu sucesso foi real e a sua eficiencia attingiu innegavelmente todas as classes sociaes em seu beneficio. O Instituto da Nutrição em boa hora idealizado pelo nosso digno 2.^o Vice-Presidente, Deputado Teixeira Leite torna-se, assim, uma necessidade absoluta para a orientação d'essa campanha, isto é, a educação do consumidor para a boa alimentação.

EXPORTAÇÃO

Conhecidas as difficuldades com que ainda luctamos, obvio é não pensar por emquanto em exportação em grande escala. Em pequena escala já tivemos um ou outro successo, mas tambem insuccessos. Em todo o caso já ha estabelecimentos entre nós que com relativa facilidade poderiam ser usadas para exportação. Os productos mais provaveis seriam a manteiga e a caseina, embora

como vimos, a nossa maior possibilidade, indiscutivelmente, ainda está no tão necessario augmento de nosso consumo interno.

IMPORTAÇÃO

A nossa importação de productos de laticínios, em outros tempos relativamente grande sorvedoura do nosso ouro, hoje decahiu a um verdadeiro minimo, pois, os productos ainda importados podem ser considerados de luxo, cuja redução de preços nada significaria para os respectivos consumidores. Antes pelo contrario essa redução poderia attingir a nossa industria nacional, pois, quem não compra por Rs. 30\$000 o kilo talvez compre por 20\$000, mórmente quando o rotulo estrangeiro costuma ainda ser uma grande propaganda.

Evidentemente não foi nossa intenção tratar exhaus-

tivamente aqui da questão leiteira do Brasil; desejamos, apenas, em ligeiro esboço panoramico mostrar a sua importancia e também as innumeradas difficuldades com que ella luta, á par das enormes possibilidades que ainda podem ser desenvolvidas. Quisemos frisar essa importancia, afim de contribuir para evitar a entrada de productos estrangeiros para os quaes se pretende dar facilidades, injustificaveis, pois, cada kilo equivalerá a muitos litros de leite desvalorizados ou não aproveitados.

O Decreto de 12 de Julho do anno passado considerava a produção nacional satisfatoria para as necessidades do consumo do paiz. Hoje, um anno depois, estamos ás voltas com tratados que significam o contrario.

Não esqueçamos, porém, o trabalho de boa organização e boa qualidade, condições basicas essenciaes para o desejado progresso.

Z E B Ú

Monographia das raças indianas e o seu comportamento no Brasil

Acaba de ser publicado um utilissimo trabalho para os criadores: "O Zebú", da autoria do Professor Manoel Paulino Cavalcanti, estudioso dos mais competentes sobre o assumpto.

Aos seus numerosos titulos, entre os quaes o de fundador do Aprendizado Agrícola Wenceslau Bello e

ex-superintendente do Horto Fruticola da Penha, desta Sociedade, reúne o illustre cientista o de ter sido, por longos annos, o Director do Posto Zootecnico Federal de Pinheiro. Ali poudo realizar em torno ao debatido thema de pecuaria brasileira estudos e observações que dão ao seu trabalho um caracter eminentemente pratico,



Um bello exemplar ZEBÚ, raça Guzzerath, de criação do Sr. João de Abreu Junior

de real proveito á classe dos criadores brasileiros, ainda não sufficientemente orientada quanto ás vantagens, ou desvantagens, do gado indiano.

Andaram, por isso, muito acertadamente, os nossos brilhantes confrades da revista "O Campo" reunindo em volume, de perfeita feição material, com cerca de duzentas paginas, fartamente illustradas, os artigos escriptos para esse brilhante periodico pelo Dr. Paulino Cavalcanti. Com isto presta serviço inestimavel á criação nacional.

Dada a proverbial honestidade scientifica do illustre autor de "O Zebú", esta revista aconselha á classe criadora do paiz o seu trabalho, apresentado ao publico pelo Dr. Eurico Santos — outro nome de peso nas nossas letras ruraes — pelo prefacio que a seguir vae transcripto :

Apresentamos, reunido em volume, o longo e magistral estudo sobre as raças indianas que o Prof. Paulino Cavalcanti elaborou e publicou nas paginas do "O Campo".

Reeditando este trabalho, fazemol-o para que maior seja a sua diffusão e attendendo ao facto de já estarem esgotados os numeros da revista onde figurou.

Cremos, com isto, prestar aos criadores brasileiros um grande serviço, porque este trabalho traça, de uma forma segura, o papel que o gado indiano representou e representará ainda por longos annos na pecuaria nacional.

O presente estudo não provem de deducções cerebrinas, baseadas na pura interpretação de theorias zootechnicas, mas sim de experimentações.

Emquanto cá fóra, pela imprensa, jornalistas, zoólogos e thoristas, desmandavam-se em replicas e treplicas, pro e contra o zebú, o Prof. Paulino Cavalcanti, então director do Posto Zootechnico de Pinheiro, cujo cargo exerceu por dezoito annos, comprehendia experiencias com esta especie bovina, para obter, com as provas provadas, a verdade irretorquível dos factos.

Assim, pois, o estudo que ahi se acha, e as deducções a que chegou, decorrem de experiencias feitas sob os mais rigidos principios da zootechnia.

Este é portanto o grande valor da obra.

Diantes dos resultados obtidos, quer dizer ante as provas biologicas, digamos assim, das experiencias de

cruzamento e levando em cosideração outros factores, poudo o autor destes estudos interpretar-lhes a significação e traçar, com segurança, o papel que o zebú deve desempenhar na pratica da criação do gado bovino no Brasil.

Como é assáz importante o papel do zebú na solução do problema pecuario nacional, podemos asseverar que o presente livro constitúe a obra fundamental do pecuarista em nosso meio.

Não se trata, neste estudo, de apresentar o zebú como a chave de todo o problema pecuario, e sim indicar o que delle é natural exigirmos, sem demaixas de optimismo, nem severidades descabidas.

Não é uma polyanthéa, nem tão pouco um hymno, porém um trabalho de sciencia e a conclusão, diante das provas experimentaes, do relevante serviço que o zebú prestou e continúa a prestar á industria pastoril do paiz.

Já morreram de todos os echos da campanha contra o Attila do Ganges, como cognominava a venerando Luiz Pereira Barreto, na sua invencível ogeriza á raça indiana, aferrado como se achava a principios puramente theoricos.

Hoje, no proprio S. Paulo, o reducto mais infenso ás raças zebús, nota-se por ellas grande entusiasmo, porque os factos convencem mais do que as palavras.

A recente Exposição Pecuarie de Agua Branca levantou a prohibição da entrada do zebú naquella certame, interdição mantida durante muitos annos e o Attila do Ganges, o reprobado de out'ora, apresentaou-se na referida Exposição, magestoso como um idolo indiano, diante das raças européas, tão ciosas da sua prosapia.

Um outro facto, illustrativo, e ainda muito digno de nota.

Ha pouco o "Diario Officia!" referiu-se a um quadro estatístico fornecido pela Companhia Mogyana, pelo qual se assignalava que durante o anno de 1934, a exportação de reproductores zebús do Triangulo Mineiro attingiu a 20.000 cabeças, destinados a diversos Estados e a varios paizes sul-americanos.

Parece, pois, que acertamos com a solução mais conveniente para o nosso problema pecuario e neste caso a presente obra vem mostrar o modo pelo que se devem conduzir os criadores nesse caminho simples e seguro".

A CULTURA DA FIGUEIRA

O Departamento de Cooperação Agricola da União Pan-Americana acaba de publicar um folhetim intitulado "A Cultura da Figueira em climas humidos". O trabalho abrange os seguintes pontos: climatologia, solos, propagação, sementeira, variedades, conservação da fertilidade do solo, culturas de sombra, póda, enfermidades e prazos, manipulação e embalagem da fruta, utilização e methodos caseiros de conservação dos figos, e outras informações e uteis ao agricultor.

Os que quizerem exemplares desse trabalho, gratuitamente, devem dirigir-se á "Oficina de Cooperação Agricola, Unión Pan-americana, Washington, D. C., Estados Unidos da America".

O Ceará Econômico

DR. SOUZA PINTO

Director da Estatística do Ceará

As industrias brasileiras desempenham actualmente, importante papel na economia nacional são só pela modificação dos procesos rotineiros empregados, como tam-utilização de materias primas nacionaes, muitas das quaes, nenhuma inferioridade apresentam em relação às similares estrangeiras.

No periodo da grande guerra européa e após ella varios industriaes se fixaram no Brasil confeccionadas por um crescido corpo de operarios nacionaes especializados, nas quaes se acham empregados avultados capitais.

E' que "no mundo moderno, na éra de industrialismo em que vivemos, o enriquecimento dos povos e a sua vida, financeira estão intimamente ligados á evolução industrial e o bem estar das populações está dependendo dos magnos problemas que da evolução industrial vão seguindo continuamente, a desafiarem a sagacidade e a intelligencia humanas."

E' que, está provado hoje em dia, as nações só podem enriquecer pelo industrialismo. Foi por assim comprehender que a Inglaterra adoptou a politica da expansão industrial, do que resultaram as series de invenções de John Kay, James Hargreaves e Samuel Crompton, destinadas á industria textil. Substituidos tambem que foram, os motores hydraulicos pelo emprego do vapor os estabelecimentos de industrias texteis puderam expandir-se e a Inglaterra que em 1764 importava apenas 4:000.000 de libras de algodão, em 1833 já importava 300.000.000 e 2 annos depois produzia 60% dos artigos de algodão consumidos no mundo.

O exemplo fructificou e outras nações entre as quaes os Estados Unidos, França, Allemanha, Italia Austria, Hungria, Belgica e Russia seguiram a politica industrial da Inglaterra.

Está provado documentadamente pelas estatisticas, conforme constatou o notavel economista rumaco Mihall Manoilescu "em 22 paises, numa renda total de 10 bilhões e 780 milhões de libras a parte da renda agri-

cola correspondia a 20% desse total e a parte industrial, incluindo minas, mais de 35%.

Hoje em dia, já é o Brasil o posuidor do maior parque industrial da America do Sul, indo a nossa producção industrial a cifra superior a 4 milhões de contos de réis. Para tudo aquillo que produzimos temos mercados internos de vulto que dia a dia se alargam com o crescimento de nossa producção e consequentemente com um augmento de consumidores.

Possue o paiz 50.885 estabelecimentos industriaes, installados com um capital de 3 milhões de contos de réis, trabalhando nelles um exercito de 360 mil operarios.

Entre as industrias que mais progresso apresentam no Brasil destacam-se as de tecidos, fumos, chapéus, calçados, bebidas, phosphoros, moveis, artefactos de couros, cconservas, louças e vidros.

E' no emtanto, a de tecidos a maior e a mais importante existente espalhadas no territorio nacional, com 475 fabricas e um capital superior a um milhão de contos de réis.

Mas, falemos das industrias do Ceará.

O Ceará cujo desenvolvimento economico, tem como base a agricultura e a pecuaria, não sepode negar apresenta um certo progresso industrial. Possuimos fabricas de calçados, oleos, vegetaes, sabão, mosaicos, e das industrias manufacturadas, a mais desenvolvida é a textil.

FABRICAS DE TECIDOS

Os principaes productos das fabricas de fiação e de tecidos são, — fics, riscados, mesclas, brins, algodão-zinho, zefires, xadreses, atalhados, toalhas, saccaria, e redes de dormir. 7', porém, a producção de de redes a mais alta. Este producto pelas suas excellentes qualidades é muito procurado por varios mercados nacionaes.

O movimento das fabricas de tecidos e de fiação do Ceará, no anno pasado foi o seguinte :

PRODUCTOS

S. José	3.600.000	300.000	240.000	9.364	300	1.000	1.000.000
Santa Elisa	—	360.000	80.000	1.240	—	250	400.000
Santo Antonio	400.000	—	—	630	33	90	80.000
Ceará Industrial	1.300.000	—	—	3.392	150	300	240.000
Santa Maria	1.000.000	60.000	60.000	2.400	94	190	300.000
Baturité	700.000	—	—	1.0800	47	85	130.000
Gurgel	—	—	322.000	1.700	70	83	300.000
São Luiz	—	—	60.000	400	15	50	75.000
Progresso	800.000	—	—	4.000	125	200	180.000
Sobral	800.000	—	—	4.000	125	227	180.000
Santa Thereza	1.800.000	60.000	—	7.200	200	350	280.000
T O T A E S	9.800.000	780.000	762.000	35.4006	1.159	2.225	3.365.000

Os tecidos fabricados no Ceará vieram beneficiar enormemente a população e a economia cearenses, porque deixamos de mandar para fóra não pequenas sommas, para a importação de varias especies de tecidos. Além disso iniciamos a exportação dos productos cearenses, yara diversos mercados do paiz.

A importação de tecidos nacionaes de algodão feita pelo Ceará no quinquennio de 1928-1932 constou dos numeros que passamos a expor:

ANNOS	KILOGRS.	VALOR
1928	3.779.350	43.284:690\$000
1929	2.494.414	18.970:644\$000
1930	2.672.060	27.783:562\$000
1931	2.058.799	20.302:495\$000
1932	2.991.795	32.279:025\$000

Vamos dar o quantum da exportação dos productos cearenses de fiação e de tecidos exportados nos seis ultimos annos:

venientes de cerca de arame farpado, são os melhores productos do paiz. Attesta isto o facto altamente significativo de serem os couros cearenses os productos do paiz que alcançam melhores cotações nos mercados estrangeiros.

Vamos demonstrar a nossa asseverativa com a seguinte lista da cotação do couro do Ceará e de outras procedencias nos mercados europeus:

Pará, seccos, de 10 a 11 kilos. . .	9 a 9 1/2 d.
Pará, seccos salgados de 22 a 24 ks. . .	7 1/2 d.
Pará, salgados de 22 a 24 kilos . .	5 a 5 1/4 d.
Bolivia, seccos de 10 a 24 kilos . .	9 a 9 1/4 d.
Bolivia, seccos salgados de 13 a 15 . .	7 1/2 a 8 d.
Ceará, seccos de 9 a 10 e 10 a 11 ks. .	90% de 1.ª e 10% de 2.ª — 13 d.

Conhecedores das optimas condições de nosso Estado para a installação de uma fabrica de cortumes alguns conceituados exportadores da praça de Fortaleza, constituíram com o tecnico Sr. Francisco Lorda a So-

FIOS			TECIDOS		REDES	
	Kilos	Valor	Kilos	Valor	Kilos	Valor
1928 . . .	78.443	313:774\$000	35.883	111:675\$000	431.694	1.943:329\$000
1929 . . .	112.903	445:522\$000	—	—	453.831	2.090:480\$000
1930 . . .	120.490	445:460\$000	—	—	324.380	1.227:977\$000
1931 . . .	100.387	351:831\$000	—	—	373.242	1.306:349\$000
1932 . . .	96.938	339:283\$000	15.501	80:945\$000	335.919	1.175:716\$000
1933 . . .	163.667	712:481\$000	—	—	303.906	1.325:707\$000

A produção media annual de tecidos no Estado attingimos no valor de 11.870:535\$000 ou seja uma media annual de 1.978:422\$000.

A produção media annual de tecidos o Estado attinge a 14 mil contos, quantia esta, relativamente pequena, mas animadora, por isto que, conforme accentuamos, ha pouco, ella representa grande expressão na economia cearense. De facto produzindo em tecido 14 mil contos annuaes e exportando desta produção cerca de 2 mil contos temos que deixar de mandar para fóra do Estado 12 mil contos.

CORTUMES

Entre as varias industrias que se tem desenvolvido no Ceará, uma está chamando a attenção dos consumidores, pelo seu progresso, devido a excellente qualidade dos productos que fabrica; referimo-nos á industria do cortume.

Industria tanto mais valiosa, por ser genuinamente cearense, pois as materias primas nella empregadas, como, pelles e tanino — seus factores, primordiales — são do proprio Estado.

Couros, possuimos de optimas qualidades, tanto assim, que apesar de seus defeitos, produzidos pelos carapatos, ferramental applicada e leves arranhaduras pro-

cidade Industrial "Cortume Cearense Ltd. com um capital registrado de 900 contos e installaram um importante estabelecimento com um machinismo moderno no valor de 450 contos.

A industria, dadas as boas qualidades dos artigos produzidos, pelles, vaquetas envernizadas, naco branco, lavavel, sola e raspa, prosperou de tal modo, que todos os productos fabricados são vendidos por bom preço, não só no Estado, como em varios Estados da União.

Na referida fabrica, trabalham diariamente 99 homens, sendo 10 na administração e 89 operarios. As machinas utilizadas são em numero de 18, accionadas por motores, dos quaes 2 movidos a lectricidade, 3 a oleo e 1 a vapor.

A materia prima empregada annualmente consta de 20.000 couros ou sejam, 180 mil kilogr. no valor de 752:509\$000; casca de angico no total de 831.000 kilos no valor de 100:000\$000; oleo de linhaça, 20.000 kilos no valor de 60:000\$000 e quebrado 8.000 kilos no valor de 1:600\$000, sendo deste modo empregada materia prima de valor approximado a 1.000 contos importancia aliás, avultada para uma industria nova, que é um indice revelador do seu desenvolvimento.

Melhor, porém, diz da larga acceitação do material fabricado, o quantum da produção media annual; . . 3.042 duzias de vaquetas envernizadas no valor de . .

1.521:000\$000 e 146.048 kilogrammos de raspa de sola, no valor de 672:387\$000 o que dá uma produção geral da importância de 2.193:387\$000.

A industria cearense de cortumes trouxe ainda a vantagem de desenvolver a indústria da fabricação de calçados no Estado, facilitando assim o trabalho nas pequenas officinas e a instalação de uma fabrica de produção regular, o que impede a saída de quantias avultadas para compra do artigo em outros mercados nacionais.

A importação de calçados e de artigos para a sua fabricação se acha representada nos ultimos annos pelas cifras seguintes :

Annos	Couros, pelles	Calçados	TOTAL
1928	1.450:543\$000	1.999:764\$000	3.450:037\$000
1929	1.038:299\$000	1.700:885\$000	2.769:184\$000
1930	074:158\$000	1.845:911\$000	2.520:069\$000
1931	633:066\$000	871:440\$000	1.504:506\$000
1932	769:002\$000	924:759\$000	1.693:761\$000

Uma importação, media annual de 2.387:511\$000.

Ora, são indubitaveis os beneficios resultantes da fabricação de calçados no Estado, de qualidade inferior e média, para uso dos menos favorecidos da fortuna. O preço do producto confeccionado no Ceará, o qual além de elegante, é forte e por um preço compensador e por isto de larga acceitação, e por ser assim vem diminuindo a importação de calçados que ficará reduzida á importação de artigos de luxo de preço elevado aliás, desvantajoso porque não é o calçado de luxo o artigo mais usado.

Já hoje é muito commum encontrarmos nas grandes casas de calçados ao lado do artigo de fóra, o artigo cearense, perfeitamente identico e que se não fóra a marca, attenstando a sua procedencia, passada como productos originarios de S. Paulo e do Rio de Janeiro.

O movimento das vendas effectuadas pela "Cortume Cearense Ltd", a partir do anno da instalação da fabrica consta do quadro seguinte :

Annos	Contos de réis
1925	433:180\$000
1926	998:192\$000
1927	1.768:915\$000
1928	1.827:002\$000
1929	2.193:387\$000
1930	1.445:836\$000
1931	1.483:313\$000
1932	1.711:308\$000
1933	1.482:798\$000
T O T A L	13.323:982\$000

Do total geral supra, 30% corresponde ás impor-

tancias que teriam sahido do Estado e 70% ás importancias que entraram para a sua economia, cerca de 10 mil contos de reis.

INDUSTRIA DE CIGARROS : — A fabricação de cigarros é uma indústria que no Ceará é de franco progresso.

Possuimos 3 grandes fabricas com a capacidade productora annual, de 300 mil milheiros de cigarros, no valor de 2 mil contos. São ellas a Fabrica Iracema, de propriedade da firma Philomenos Gomes & Cia. com um capital registrado de 500 contos, a Fabrica Araken, de propriedade da firma Diogo & Cia. Ltda. com o capital registrado de 240 contos e a Fabrica S. Lourenço de A. Belleza & Cia. Ltd. com capital registrado de 200 contos.

Todos estes estabelecimentos possuem moderno maquinismo o que lhes permite o preparo de productos de superior qualidade, cigarros de luxo, acondicionados em carteiras de bom gosto, os quaes não tem a competencia de artigos similares de outros Estados, principalmente do Rio de Janeiro.

No entanto, não é pequena a importação de cigarros fabricados aqui no Rio, que mesmo vendidos a preços mais elevados, tem larga acceitação nos consumidores da capital.

No interior, porém, os cigarros preferidos, são os das fabricas cearenses, não só pelo seu preço mais reduzido, como por serem, geralmente mais fortes.

INDUSTRIA DE OLEOS VEGETAES — O Brasil é um dos paizes que mais possibilidades possui para a exploração de oleos vegetaes.

Dotado de varias zonas productoras de sementes oleaginosas offerece margem fóra do commum ao desenvolvimento da industria de oleos vegetaes e seus derivados.

Possuindo taes recursos, abundancia de materia, prima, facilimo lhe tem sido, desenvolver-a e com optimos resultados uma vez que alem das multiplas applicações industriaes, os oleos vegetaes adquiriram real importancia nos usos therapeuticos, sobrepujando os oleos mineraes já condemnados quando empregados para effeitos catharticos, visto omo a pratica reconheceu que o intestino não póde ser assemelhado ao "ubo da roda de um carro ou uma engrenagem mechanica."

Com o progresso da sciencia apparecem novas invenções, entre ellas os motores de combustão interna, que necessitam de um combustivel apropriado e este, é o oleo vegetal.

Por todos estes motivos, o Brasil, paiz que apresenta um movimento de grande actividade, industrial, commercial e agricola, não póde deixar de desenvolver a industria de oleos vegetaes, cuja applicação nas suas industrias augmenta dia a dia.

Como indice do progresso dos industriaes oleiferas brasileiras, temos o augmento das instalações de novas

fabricas, que de um total de 37 que era em 1913, das quaes 28 situadas no norte e nordeste e 9 no sul, respectivamente com 87 e 55 prensas, passou a 54 com um total de 231 prensas,, das quaes 143 no norte e nordeste, regiões em que super-abundam sementes oleoginossas.

EXPORTAÇÃO DE FRUCTOS — Na exportação nacional de fructos oleaginosos se destacam as seguintes variedades: amendoim, andiroba, Bacury, Mamona, Ucuhuba, Carço de algodão, Castanhas do Pará, Babassu', Coyra, Cumaru', coquilhos de Piassava, Gergelim, Tucum, Murimuru', Jaboty, Pracaxy, Uricury.

No quinquennio 1928-1932 a exportação destes fructos montou a 365.843.672 kilogrammos no valor da assombrosa cifra de 57.939.310\$000.

A maior exportação foi dos seguintes fructos:

Fructos	kilogrammos	Contos de réis
Castanhas...	123.968.947	182.556:818\$000
Carço de Algodão ..	78.630.028	25.257:487\$000
Babassu'	63.392.876	48.363:550\$000
Mamona	83.275.410	45.660:113\$000
Murumuru'	.667.641	4.397:316\$000
Tucum	9.611.768	4.171:643\$000

No anno de 1933 a exportação de sementes oleaginosas attingiu a 74.581.000 kilogrammos no valor de 48.030:000\$000.

FRUCTOS OLEAGINOSOS NO CEARA' — O Ceará possui variedades interessantes de fructos oleaginosos; dos quaes se destacam: o amendoim, gergelim, piquy, coco, catolé, castanha de caju', maniçoba, ameixa, pinhão de penca, carço de algodão, mamona e oitica.

A industria cearense de oleos vegetaes está sendo explorada de modo regular e seus productos obtendo franca accitação. Possuimos 6 grandes estabelecimentos assim localizados, 1 em cada municipio de, Sobral, Iguatu', Cedro, e Crato e 2 na capital afora, diversas pequenas fabricas.

Os mais importantes são os de Sobral e de Iguatu', pertencentes á Companhia Industrial de Algodão e Oleos, que exploram os oleos de oitica e de carço de algodão e seus derivados, e os 2 da Capital "Usina de Algodão e seus derivados de coco e de carço de Gurgel" que explora os oleos de coco e de carço de algodão e a "Fabrica Myriam" que explora unicamente o oleo de oitica e foi pioneira no Estado da exploração industrial do oleo de oitica.

OLEO DE CARÇO DE ALGODÃO — Explorado pela Companhia Industrial de Algodão e Oleos que possui modernas installações e duas estações experimentaes, é um producto excellente que tem compradores certos devido ás suas optimas qualidades.

A sua exportação, até o anno de 1931 em que a falta de sementes, devido a secca, fez paralisar a industria foi a seguinte:

Annos	Kilogrammos	Valor official
1927	80.0021	53:177\$000
1928	476.932	374:438\$000
1929	911.982	645:243\$000
1930	610.053	732:063\$000
1931	845.408	630:858\$000

Além do oleo, produz a Companhia a torta e o farello, productos que são consumidos em quantidade consideravel no Estado e exportados em alta escala sendo accitados, ambos, com successo nos mercados nacionaes e estrangeiros.

O Brasil exportou para o estrangeiro no sexennio 1928-33:

TORTAS

Annos	Kilogrammos	Contos de réis	Equi em £
1928	20.142.680	6.136:127\$000	150,598
1929	26.595.566	7.020:877\$000	172,493
1930	26.030.758	6.095:431\$000	150,074
1931	34.638.536	10.725:535\$000	153,839
1933	34.911.000	9.595:000\$000	125,000

FARELLOS

Annos	Kilogrammos	Contos de réis	Equi em £
1928	69.681.589	14.924:414\$000	366,246
1929	84.631.743	19.145:814\$000	470,290
1930	83.861.713	14.828:711\$000	333,958
1931	79.925.879	14.571:573\$000	210,340
1932	82.214.708	16.550:219\$000	239,681
1933	89.193.000	14.269:000\$000	183,000

Que bonitas cifras representam a dos dous productos do carço do algodão. Tivessem os nossos governantes mais tino economico, certamente supprimiriam o imposto de exportação sobre os referidos productos; do que resultariam maiores vendas e mais entrada de ouro para o paiz.

Os principaes paizes da Europa Central que exploram a industria de oleos vegetaes, como meio de prover á alimentação de seus rebanhos, fabricam grande quantidade de tortas e farellos, mas a producção é insufficiente para o seu consumo e por isto importam o producto em elevada quantidade.

Só a Austria importou no anno de 1929, — 18.647.900 kilogrammos. A Polonia que por sua vez tem uma elevada producção de tortas de linho, canhamo e colza, para o preparo das quaes possui materia prima sufficiente, importa comtudo tortas e farellos em

alta escala. No anno de 1929 importou 31.611.400 kilogrammos. Este commercio ella o faz com a Alemanha que fornece o *producto ultramarino*. A Tchecoslovaquia, apesar de uma producção media annual de .. 900.000.000 de kilogrammos, recebe de fora tortas e farellos em avultada quantidade; em 1929 importou .. 48.219.110 kilogrammos. Na Hungria a importação foi de 13.397.600 kilogrammos. Somadas estas importações, nos referidos paizes, cuja entrada é livre de direitos, temos a cifra de 11.876.000 kilogrammos.

A torta de algodão, conhecida entre os importadores europeus como *Cotton seed cake* é vendida em pasta entrando na sua composição, a amendoa do caroço do algodão, depois de extrahido quasi todo o oleo, a casca e o linter e contem mais de 30% de albuminoides.

A casca tem seu valor intrinseco, pela proteina que contém, de facil digestão e servindo para a engorda de vaccuns e muars; por sua vez, a amendoa que encerra productos importantes, levou Sace a communicar á Academia de Sciencias de Paris a composição "verdadeiramente extraordinaria, da mais rica semente em substancias azotadas existente".

OLEO DE OITICICA: — A oitica — *conetia grandifolia* segundo Lenkowsch e licania rigida segundo outros, é uma arvore corpulenta, existindo em abundancia, em varios Estados do nordeste brasileiro particularmente no Ceará, productora de grande quantidade de sementes que encerram um excellente oleo no emprego para tintas e vernizes.

O grão da oitica de cor escura e forma oval, mede de 1 a 3 centimetros no sentido de seu maior diametro, pesando em media 3 grammas.

O seu teor em oleo, que é em media, em rendimento teorico, de 62%, apresenta na pratica industrial, no caso de expressão ao quente, um rendimento de 57% a 58% e algumas vezes 59%.

ANALYSES: — Innumeras são as analyses feitas por conceituados chimicos estrangeiros, do oleo de oitica, mas para não alongarmos esta narrativa, damos a 6.^a realizada no Imperial Instituto de Londres:

Densidade a 15,15, 5° C	0,9675
Indice de refração a 40° C	1,5069
Indice de acidez	1,8
Indice de saponificação	189,5
Indice de iodo	140,5
Materia insaponível	0,45
Pontos de solidificação dos acidos gord. 474° C	

Applicado inicialmente no fabrico de sabão, foi abandonado, por deixar impregnado nas roupas lavadas, um cheiro forte e desagradavel. Por isto foi experimentado no preparo de tintas e vernizes, dando excellentes resultados.

Bolton e Revis notaveis chimicos, depois de varias

experiencias, constatarem que as amendoas de oitica fornecem cerca de 62% de um oleo semi-solido á temperatura ordinaria, sendo quando solidificado, de cor creme-pallido e quando liquido de cor amarella-ouro. O seu cheiro e as suas propriedades o assemelham ao *Tung oil* ou *Oliva wood oil*.

Referidos chimicos aconselham o seu emprego, não só nas industrias de tintas e vernizes, como nas de linoleum e congoleum.

O Dr. Barros Mattos engenheiro civil e construtor em São Paulo, demonstrando a propriedade do oleo de oitica escreveu: "O removedor de tintas Platt Lumber, que remove facilmente pinturas de oleo de linhaça, de 30 annos ou mais recentes, pouco affecta a pintura feita com oleo de oitica (partes iguaes de oleo e de petraraz)".

"As observações já colhidas me fazem como fariam a qualquer amante de trabalhos experimentaes, prever o successo de oleo de oitica como substituto da borraça, em muitas applicações".

"Sendo o índice da oxidação do oleo empregado na industria do linoleum, elemento primordial e tendo o oleo de oitica esse indice mais accentuado do que o do oleo de linhaça, está claro que poderá offerecer vantagens".

A revista sccientifica "Oil Point And Report" aconselha o oleo de oitica como seccativo, por exemplo, no preparo de tintas para pinturas de navios".

Em suas "Notas sobre a industria dos oleos vegetaes no Brasil" o illustre Dr. Joaquim Bertino, diz: "Quando em visita á Fabrica da Companhia Fabril e Navegação em Natal (Rio Grande do Norte), o seu director o Sr. R. Vance, affirmou-me que havia obtido resultados magnificos com o oleo de oitica, na preparação de tintas para pinturas dos navios e que haviam sido os resultados superiores aos obtidos com oleo de linhaça e outros oleos seccativos. Na sua residencia particular, empregou o oleo de oitica e eu tive oportunidade de verificar os optimos resultados obtidos; apesar de pintados a tres annos, a pintura conserva-se perfeita".

As grandes industrias do Ceará, são estas que acabam de referir.

PEQUENAS INDUSTRIAS: — Além das grandes industrias, possui o Ceará um numero regular de pequenas industrias manuaes de crescido desenvolvimento e cujos productos são muito valiosos.

Entre estas pequenas industrias sobresaem a feitura de rendas, labyrinthos ou crivo e chapéus e outros artefactos da palha da carnauba executados pela mulher sertaneja.

RENDAS: — As rendas do Ceará são fabricadas numa almofada de palha, de forma cylindrica na qual é assentado o papelão em que está desenhado, por meio de pequenos furos, o padrão da renda que se deseja

confeccionar, sendo o tecido feito por meio de bilros nos quaes está enrolada a linha.

Fiado o papelão na almofada, sentam-se os bilros no seu extremo superior, feito isto, são os bilros manejados (trocados) sendo cada ponto ficado por um alfinete — mais geralmente com um espinho de mandarrã — no respectivo furo existente no papelão modelo.

Fabricam-se rendas de varios typos e larguras contendo 10 metros cada peça.

E' uma industria pouca rendosa, porque a materia prima, linha de carretel, é sempre cara e os productos serão vendido a baixo preço pelos seus confeccionadores.

E' um artigo muito procurado, attingindo a sua produção annual a consideravel volume.

LABYRINTHO: — Também chamado *crivo* é um tecido confeccionado parte num bastidor e parte na almofada de rendas. Nesta é trabalhada a tarlatana chamada vulgarmente *puça* a quel depois é distendida no bastidor, onde é cheia, isto é, são bordado por meio de agulhas, os padrões escolhidos.

Faz-se o labrintho também, desfiando partes dos tecidos, sêda, linho, algodão e bordando por meio de agulhas os mais lindos desenhos; este trabalho é uma verdadeira perfeição.

Fabricam-se de labrintho, colchas de cama, coberturas para sombrinhas, lenços, toalhas, stores, barras de saia, vestidos, sobrepelles, roquetes, etc.

Em diversas exposições europeas em que o Ceará se fez representar, no anno passado na 3.^a Feira de Amostras de S. Paulo e este anno aqui na 7.^a Feira Internacional de Amostras, quer as rendas, quer os labrinthos foram apreciadissimos, pelo seu fino labor e mereceram honrosas referencias dos seus visitantes e premios das comissões julgadoras dos certames.

O valor dos productos, preço baixo, por que são vendidos nos Estado é calculado em quantia superior a mil contos de reis annualmente.

INDUSTRIA EXTRACTIVA

A INDUSTRIA SALINEIRA NO CEARÁ: — O sal, diz um escriptor, não lhe conserva o tempo o encanto da infancia. Conheceram-no os antigos consagrando-o nas oferendas aos Deuses; exploraram-no os

medievaes e modernos prendendo-o aos grilhões do monopolio; banalisaram-no, enfim, os contemporaneos lançando-o no trafico das permutas facéis, apenas um traço commum resistindo aos seculos prevalece soberano: o uso que a alimentação lhe garante.

Genero de muito utilidade não só na allimentação como condimento é na preparação de conservas, é o sal materia prima nas industrias da soda, do chloro, do acido chloridico, do sulfato de soda, etc.

No mundo poucos paizes possuem como o Brasil, localidades tão apropriadas á fabricação do sal.

Sergipe com 280 salinas, Rio Grande do Norte com 200, Ceará com 82, Estado do Rio 58 e Bahia com 32, num total de 652 todas bem conhecidas e com elevada produção. E se grande é a produção do sal, não menos alto é o seu consumo. Despresando, mesmo, o uso para alimentação, hoje calculado em 241.633.900 kilogrammos annuaes, temos o seu emprego em crescido volume as salgas de couros e pelles e a industria pastoril, num montante de 450 milhões de kilogrammos.

O que contrista, porém, é saber-se que apesar de grandes productores, importamos ainda elevada somma de sal estrangeiro.

A importação do producto nestes ultimos oito annos foi a seguinte.

Annos	Kilogrammos	Contos de reis	Equivalentes em £
1925	126.041.156	11.085.190\$000	285,801
1926	65.053.436	5.135.000\$000	149,621
1927	72.917.416	6.565.384\$000	159,894
1928	73.865.634	6.610.477\$000	102,186
1929	43.466.621	3.936.694\$000	96,709
1930	48.611.152	4.590.695\$000	103,880
1931	20.950.666	2.281.815\$000	37,618
1932	24.147.717	2.077.433\$000	30,098
TOTAES	475.053.798	47.232.687\$000	1.025,807

Segundo estas cifras vemos que a importação do sal estrangeiro, annualmente, é de 59.381.727 kilogrammos no valor de 5.279.086\$000 equivalentes a libras 128,226.

Esta importação na sua mor parte procedente da Hespanha foi destinada aos seguintes Estados: Amazonas, Pará, S. Paulo, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul, este o maior importador.

Francisco
Giffoni & Cia.

FADIGA MENTAL
NERVOSA E MUSCULAR
PHOSPHO-KOLA
DE GIFFONI
SABOROSO GRANULADO
GLYCERO-PHOSPHATADO

1.^o de Março, 17
Rio de Janeiro

A industria salineira no Ceará, é muito antiga. Possuimos 82 salinas que no tempo da colheita empregam em seus serviços, cerca de 3.000 familias amparando perto de superior qualidade e que não teme confrontos com o de outros estados e mesmo do estrangeiro, tem encontrado muitos obstaculos para o seu desenvolvimento, devido ao *trust* organizado por outros concorrentes.

A exportação do Ceará (que poderia ser grande) é relativamente insignificante, em face das dificuldades e entraves que a cercam. As salinas estão com grandes *stocks* paralizados, e algumas mesmo das mais importantes, pela grande capacidade de sua produção como pela alta qualidade do producto, nada produziram em 1933, continuando fechadas em 1934, com graves prejuizos para os trabalhadores e operarios.

Damos a seguir, as analyses do sal cearense, do sal marinho inglês e do sal mineral allemão, para demonstrar que o producto cearense não é absolutamente inferior ao producto estrangeiro.

A analyse do sal *commum* grosso "Deodato" procedida pelo Laboratorio Nacional de Analyse do Rio de Janeiro revelou o seguinte:

Humidade	1,536,00
Chlorureto de sodio	97,177,05
Chlorureto de magnesio	0,455,29
Sulfato de calcio	0,729,93
Sulfato de magnesio	0,046,65
Residuos insolúvel e perdas ..	0,055,08
	100,000,000

Analyse do sal *commum* "Sertanejo" de B. Gonçalves & Cia. Ltda., procedida pelo mesmo Laboratorio:

Humidade	0,880,00
Chlorureto de sodio	98,386,56
Chlorureto de magnesio	0,309,26
Chlorureto de calcio	0,048,47
Sulfato de calcio	0,307,07
Residuo insolúvel e perdas ..	0,058,64
	100,000,000

Sal marinho inglês (evaporado):

Na cl	98,49 %
Ha 2 SO 4	—
Ca SO 4	0,90 %
Mg SO 4	0,54 %
Agua	0,54 %
Indissolúveis	0,01 %
K cl	—
	100,00%

Sal mineral allemão:

Na cl	98,56 %
Na 2 SO 4	0,30 %
Ca SO 4	0,58 %
Mg SO 4	0,21 %
Agua	0,01 %
Indissolúveis	0,02 %
K Cl	0,32 %
	100,00%

Do cortejo das analyses procedidas no sal inglês e no sal allemão, em Berlim pelo Conselheiro mór em mineração e perito tecnico scientifico *Ertel* e confirmadas pelo chimico Publico Dr. Heinrich *Ieellner* e no sal cearense verifica-se que o producto do Ceará póde perfeitamente substituir o producto estrangeiro.

Para finalizar esta palestra, fallaremos do

COMMERCIO CEARENSE:

O commercio do Ceará se iniciou muitos annos antes do seu desmembramento da capitania de Pernambuco, pelo Decreto de 17 de Janeiro de 1799 e o algodão já naquella epoca, o seu principal producto de exportação era enviado para o Recife e ahi embarcado, para a Capital do Reino, como meracdoria procedente de Pernambuco.

Com a abertura dos portos brasileiros, em 1808, a todas as nações, tornou-se facil ao Ceará commercial directamente com o estrangeiro. Já em 1810, pelo porto de Fortaleza, foi exportado 169,072 kilogrammos de algodão, pelo porto de Aracaty 138,750 kilos e pelo porto de Acarabú 87.884, o que deu um total geral de 395.707 kilogrammos. Em 1811 sahiram pelo porto de Fortaleza 172.071 kilos de algodão; 152.550 em 1812; 312.675 em 1813; 361.705 em 1814; 245.895 em 1815; 358.876 em 1816; 181.440 em 1817; 462.269 em 1818 e 365.360 em 1819.

Por estas cifras se verifica que o commercio exportador do Ceará foi sempre crescente. As nossas relações commerciaes eram entretidas com a Inglaterra e Portugal. Internamente o commercio do Ceará mantinha relações com as praças de Recife e Maranhão, as quaes durante muitos annos foram o escoadouro dos productos cearenses.

A entrar a sua expansão tinha o commercio contra si, as dificuldades de transporte para o interior e a falta de um porto accessivel, sendo que pela construção deste já se interessava em 1811, o governador Borba Alardo, em cujo governo foram iniciados os seus estudos pelo official de marinha Giralder. E nestes estudos levou o porto do Ceará 123 annos e apesar de ter sido aberto este anno a concurrencia para a sua construção, ainda não foram iniciados os serviços.

Devido a lisura em seus negocios, honestidade e

pontual satisfação em seus compromissos, o commercio cearense se foi expandindo em todos os seus ramos, inclusive o de exportação que hoje em dia é um grande factor do desenvolvimento economico e financeiro do Estado. O commercio cearense tem passado por crises tremendas sem que nenhuma fallencia se tem realizado.

Define bem a expansão commercial do Ceará, o crescido numero de estabelecimentos de credito existente no Estado cujo numero sobe a 21 inclusive 3 casas bancarias.

Outro testemunho, do desenvolvimento commercial do Ceará, temos no movimento de entradas e sahidas de vapores no porto de Fortaleza o movimento foi o seguinte no decennio 1924-1933.

NAVIOS

Annos	Estrang.	Nacionais	Total	tonelagem
1924	60	501	561	604.265
1925	63	505	568	678.867
1926	73	519	592	677.174
1927	83	513	596	818.241
1928	89	513	602	875.719
1929	109	551	660	1.065.745

1930	119	530	649	1.048.790
1931	92	537	629	1.107.009
1932	76	485	651	944.610
1933	83	591	674	1.034.850

O movimento geral do commercio do Ceará, no decennio 1923-1932 foi o constante das cifras seguintes:

ANNOS	Contos de reis valor official
1923	193.670:409\$000
1924	129.305:318\$000
1925	127.556:869\$000
1926	120.900:261\$000
1927	183.762:907\$000
1928	181.345:658\$000
1929	198.611:314\$000
1930	147.836:329\$000
1931	180.566:700\$000
1932	108.275:605\$000

Faço notar que as cifras representam o valor official e não o commercial que como sabemos pode ser calculado em 30 % a mais.

Para finalizar, não nos furtaremos a discriminar e quanto do commercio exportador cearense pelas classes: vegetaes, animaes, mineraes e respectivos productos.

GENEROS DE PRODUÇÃO DO ESTADO

EXPORTAÇÃO NO QUINQUENNIO 1923-1927

Annos	Vegetaes e seus productos	Animaes e seus productos	mineraes e seus productos	TOTAL
1923	78.535:629\$000	7.781:714\$000	939:207\$000	87.256:613\$000
1924	49.393:717\$000	4.261:918\$000	573:152\$000	54.227:787\$000
1925	54.683:036\$000	7.105:704\$000	77:878\$000	61.866:618\$000
1926	35.510:913\$000	6.606:141\$000	4:402\$000	42.120:450\$000
1927	47.101:796\$000	8.334:590\$000	4:207\$000	56.040:593\$000
Totacs	265.224:154\$000	34.090:067\$000	1.598:846\$000	300.913:067\$000
Media Annual	53.044:830\$000	6.818:013\$000	—	60.182:613\$000

EXPORTAÇÃO NO QUINQUENNIO 1928-1932

1928	49.239:268\$000	12.480:822\$000	2:100\$000	61.722:190\$000
1929	56.398:213\$000	9.760:552\$000	3:963\$000	66.162:730\$000
1930	44.664:199\$000	10.921:945\$000	5:180\$000	53.591:324\$000
1931	49.326:479\$000	13.699:483\$000	11:807\$000	63.037:769\$000
1932	23.506:595\$000	10.084:203\$000	5:806\$000	33.596:604\$000
Totacs	223.134:756\$000	56.947:005\$000	28:856\$000	280.110:617\$000
Media Annual	44.626:951\$000	11.389:401\$000	5:771\$000	56.028:123\$000

Notavel nestas cifras é que em 10 annos a exportação de productos cearenses montou a somma de ... 581.023:684\$, note-se bem, valor official, concorrendo a agricultura com 83,8 % e a pecuaria com 15,6 %.

Vamos concluir. Sóbrio, acostumado ao trabalho penoso e pesado para supprir suas necessidades diarias, cearense desde tenra idade, conhece por experiencia propria a adversidade e o soffrimento. Dahi o não extranhar elle desventuras.

Letrados chamam-no de imprevidente. Qualificativo falho de logica. Que é a previdencia? E' a faculdade de ver antecipadamente. Se a previdencia resulta da educação e da cultura, não se pôde esperar tal attributo de quem mal feira o nome.

"Das quatro vaccas que tinha *lucrei* uma que vendi. As outras tres *morreram* nas *seccas*". Linguagem simples que exprime a dura experiencia. *Lucrei* uma, diz o sertanejo. Lucrar é tirar lucro, ganhar; diz pois

elle muito bem *lucrei uma*, porque numa secca quem não perde todos os seres *possuidores*, ganha, lucra. Em regra geral a situação do sertanejo depois de uma secca é a seguinte: quem é rico fica pobre e quem é pobre fica miseravel.

Meus senhores, posso garantir-vos que tudo quanto disse na 1.^a e nesta 2.^a conferencia sobre o meu Ceará

é a pura verdade; eu não costumo argumentar com as *possibilidades* e sim com as *realidades*.

Conheci eu, um fanfarrão que tinha por habito escolher as suas virtudes dizendo emphaticamente: "acima de mim, não vejo ninguém; igual a mim poucos e abaixo de mim, muitissimos". Não adopto este criterio para fallar sobre o Ceará.

Tendencia da produção mundial de café

Em 1924-25 a produção do mundo era de 20.681.000 de saccas, contribuindo a Africa com 683.000 saccas, a America Central com 3.466.000 saccas, a America do Sul com 14.718 mil saccas, a Asia com 1.749.000 saccas e a Oceania com 65.000 saccas. Nove annos depois, em 1932-33, quatro annos depois da derrocada do café, a situação se apresenta ainda com perspectivas serias. De facto, n'esse anno a produção mundial era de 29.146.000 saccas, assim distribuidas:

Africa	1.088.000	saccas
America Central	3.853.000	"
America do Sul	21.546.000	"
Asia	2.561.000	"
Oceania	98.000	"

Do que acima ficou dito, verifica-se que a produção da America do Sul n'esse ultimo anno foi uma das meores das ultimas estações cafeeiras. Em 1927-28, este cotinente produzia 30.602.000 saccas e em 1929-30, 34.191.000 saccas, passando a 30.155.000 saccas no anno de 1931-32. E' o Brasil quem cotribue de maneira bastante sensivel para as oscillações verificadas no supprimento de café da America do Sul. E' interessante ainda notar que se a produção mundial no ultimo anno aqui referido desceu a 29.146.000 saccas depois de ter attingido em 1929-30, 41.566.000 saccas, isto foi devido apenas ás menores safras brasileiras registradas nos annos de 1930-31 e 1932-33. De facto a produção da Colombia, o nosso mais forte concorrente, apresenta uma tendencia de produção cafeeira sempre crescente. Póde-se dizer que não ha um só anno cujas safras recentes não apresentem ao menos sobre as anteriores augmentos. Em 1924-25, a produção d'esse paiz era de 2.327.000 saccas, passando a 2.737.000 saccas em 1926-27, a 3.040.000 saccas no anno seguinte, 3.215.000 de saccas em 1928-29. Em 1929-30 cresceu ainda mais a safra Colombiana com a produção de 3.498.000 saccas, diminuindo porém ligeiramente no anno seguinte quando a safra attingiu apenas 3.397.000 saccas. Entretanto, em 1931-32, a produção passava a 3.565.000 saccas e, finalmente, a 3.584.000 de saccas em 1932-33. Os demais productores da America do Sul são a Ve-

nezuela e o Equador. Não representam modificações sensiveis, mantendo apenas o volume de produção registado ha 9 ou 8 annos.

Analisando-se, porém, em conjunto a produção cafeeira da Africa verifica-se que a sua tendencia é igualmente de maior volume. Em 1924-25 a Africa produzia 683.000 saccas, passando a 1.088.000 em 1932-33. Esse augmento é em grande parte devido á expansão do café em Kenia, promissora colonia britannica e Madagascar, outra possessão franceza. Em Kenia, por exemplo, a safra em 1924-25 attingia apenas 98.000 saccas, passando porém a 268.000 saccas em 1932-33, o que representa volume quasi 3 vezes maior. Acontece o mesmo em Madagascar cuja produção passou a . . . 53.000 saccas no exercicio j mencionado para 282.000 em 1932-33. Verifica-se d'esse modo que a safra de café d'essa possessão franceza quasi sextuplicava em menos de 9 annos. Outras pequenas colonias e possesões tambem apresentam augmentos sensiveis. De tudo isso se conclue que a Africa com seu braço indigena barato constitui um concorrente seria á produção cafeeira de outros paizes, sobretudo se levarmos em conta que n'esse expansão se acham interessados dois grandes paizes europeus, Inglaterra e França, o primeiro sem duvida para transformar o café de suas colonias em producto de commercio e o segundo para constituir e fortalecer o chahmado "Imperio Colonial Francez". Não apresenta a America Central modificações sensiveis pois produziu 3.466.000 saccas em 1924-25 e . . . 3.853.000 em 1932-33.

Isso quer dizer que os seus paizes se encontram com a produção praticamente estabilizada.

Na Asia, a tendencia já não é a mesma, apresentando em conjunto safras crescentes bem superiores ás registadas de 1925 a 1927. As Indias Hollandezas açambarcam a produção do continente. N'essa colonia hollandeza a produção dos ultimos annos é bem maior do que as anteriores. De facto e, 1932-33 ahi se produziam 2.212.000 saccas de café. A Oceania não é um continente de significação na produção cafeeira mundial, pois a sua contribuição é de apenas 98.000 saccas,

Entregas de café ao consumo do mundo

Foi o seguinte o movimento de entregas de café ao consumo do mundo, durante o mês de Julho de 1935, em confronto com o de 1934, em saccas de 60 kilos. (Cifras E. Laneuville)

P R O C E D E N C I A S	JULHO		DIFFERENÇA EM 1935			
	1935	1934	Saccas		%o	
BRASIL						
Europa	507.000	638.000	menos	131.000	menos	20,53
Estados Unidos	723.000	514.000	maia	209.000	mais	40,66
Portos do Sul	87.000	62.000	mais	25.000	mais	40,32
T o t a l	1.317.000	1.214.000	mais	103.000	mais	8,48
OUTRAS PROCEDENCIAS						
Europa	441.000	233.000	mais	208.000	mais	89,27
Estados Unidos	303.000	187.000	mais	116.000	mais	62,03
T o t a l	744.000	420.000	mais	324.000	mais	77,14
TODAS PROCEDENCIAS						
Europa	948.000	187.000	mais	77.000	mais	8,84
Estados Unidos	1.026.000	701.000	mais	325.000	mais	46,36
Portos do Sul	87.000	62.000	mais	25.000	mais	40,32
TOTAL GERAL	2.061.000	1.634.000	mais	427.000	mais	26,13

O supprimento visível mundial a 1.º de Agosto de 1935 era de 7.687.000 saccas em igual data de 1934.

Sociedade Nacional de Agricultura

NOVA SÉDE

Tendo terminado o contracto que realizara com a Província Carmelitana Fluminense, a Sociedade Nacional de Agricultura deixou o predio á Rua 1º de Março N. 15, em que se achava alojada desde 1912, para instalar-se, provisoriamente mas confortavelmente, em tres amplos salões do edificio ao Largo de São Francisco N. 3, segundo andar.

Ahi continúa a receber todos os lavradores e criadores e demais interessados nas questões ruraes e economicas do paiz, realizando, semanalmente, as suas concorridas sessões publicas.

A Caixa Postal continúa a ser a de N. 1.245, tendo mudado o telephone, que, agora, tem o N. 22-6241.

O alargamento do mercado interno

Estudo sobre uma these do Dr. Arthur Torres Filho

Na ultima reunião do Conselho de Propaganda e Expansão Economica de Minas Geraes, realizada a 25 do mez findo, no edificio do Departamento de Estatistica e Publicidade, foi apresentado pelo conselheiro Socrates Alvim o seguinte estudo á these que sob o titulo acima foi proposta pelo conselheiro Arthur Torres Filho, representante da Sociedade Nacional de Agricultura no Conselho Nacional de Commercio Exterior.

A questão focalizada neste trabalho constitue assumpto de real importancia e inteira actualidade. O nosso immediato objectivo economico está, sem duvida, na exportação, de onde tiramos as necessarias disponibilidades no estrangeiro, para occorrer aos nossos compromissos externos e ás exigencias da importação. Entretanto, do ponto de vista financeiro, a ausencia de importação equivale, de certo modo, a uma verdadeira exportação, pela dispensa da remessa de valores para o exterior, que a politica do abastecimento proprio permite. As nações exportadoras apoiam seu desenvolvimento economico no commercio interno, que absorve grande parte das respectivas produções. Assim acontece, por exemplo, com os Estados Unidos, cuja exportação representa uma pequena parcela da sua formidavel producção agricola e industrial.

Só os paizes de politica economica rigorosamente rural, que preferem fornecer materia prima aos povos industriaes e vender generos agricolas em especie, deixam de abastecer com productos de industria propria o commercio interno, abrindo-o a fornecedores estrangeiros. Estes paizes têm diminuido sempre, pois são cada vez mais numerosas as nações industriaes do mundo. E' o caso da Republica Argentina, ainda essencialmente agricola, mas que trata com afan de organizar sua industria, com o fim de transformar no territorio nacional parte das materias primas que produz, e abastecer, desse modo, de artigos industriaes, sua população. De maneira que, a bem dizer, só as colonias das grandes nações se conservam productoras exclusivas de materia prima, que vendem ás respectivas metropoles, tranqueando-lhes, em compensação, o mercado interno, quanto ao seu abastecimento de productos manufacturados. Assim acontece com a Australia, Nova Zelandia, Canadá, etc. Recentes inqueritos promovidos em França, Inglaterra e em outras nações do Velho Mundo revelaram lacunas nos respectivos commercios internos, tendo-se verificado que numerosos productos industriaes consumidos nesses paizes de procedencia estrangeira. Foi mister uma revisão geral nos respectivos systemas de defesa aduaneira para se corrigir essa situação.

O Brasil, paiz de mais de 40 milhões de habitantes, possui dentro de suas proprias fronteiras magnifico

mercado consumidor, em grande parte entregue á produção estrangeira. Tem-se constatado, nosso particular, graves anomalias. Há dois annos, um illustre industrial de Bello Horizonte verificou, pessoalmente, que em certas localidades da Amazonia consome-se café importado do Perú e do Equador. Estatisticas recentemente levantadas na zona mineira servida pela Estrada de Ferro Victoria a Minas demonstraram que o nosso Estado importa, naquella região eminentemente agricola e pastoril, couros, assucar, aguardente, arroz, xarque, tecidos e outros productos de primeira necessidade, que podem ser fornecidos aos consumidores do Rio Doce pela propria industria mineira. O mesmo phenomeno deve existir na região de Theophilo Ottoni, que se acha, como a zona precedente, isolada dos centros commerciaes do Minas, por deficiencia o mesmo falta de meios de transporte.

Além dos obstaculos que acabo de mencionar, outros existem á espera de correcção. Destaca-se, dentro esses, um que decorre da politica economica do Instituto Nacional do Assucar, que prohiu o plantio de novos canaviaes, a installação de engenhos e a ampliação dos já existentes, sob o pretexto de valorizar esse producto. As poucas usinas existentes em Minas, de si insufficien-

EXPURGANDO

COM BISULFURETO DE CARBONO
IMPURO OU MAL RECTIFICADO
ESTRAGA-SE A COLHEITA

O Bisulfureto de Carbono
"JUPITER"

Tem 99,88 % de PUREZA

••

E ausencia completa de Acido Sulfidrico
Acido Sulfuroso e Acido Sulfurico

••

"ELEKEIROZ" S. A.
CAIXA POSTAL 255 — SÃO PAULO

tes às necessidades do consumo interno do Estado, estão com sua actividade productiva reduzida de cerca de 50 %. por imposição desse Instituto. Recentemente, segundo estou informado, uma dessas usinas, que lhe havia communicado dispôr de canna para 6.000 saccas de assucar, recebeu, em resposta, aviso de que sómente poderia produzir 824 saccas, quota que lhe foi concedida na presente safra, por esse aparelho de defesa economica da producção assucareira nacional. Essa politica consiste em reduzir em todo o paiz a producção desse genero alimenticio, afim de provocar a alta de preços no mercado interno. Esquecem-se os orientadores da nossa politica assucareira de que quasi não possuímos agricultura economicamente especializada, cujos rendimentos garantam às multidões trabalhadoras ruraes recursos financeiros sufficientes á aquisição de generos alimentares de producção industrial, sempre de custo mais ou menos elevado, principalmente quando amparadas taes industrias por systemas de defesa como esse, infringentes dos principios universaes da economia. Em tal situação, o recurso natural deve ser a permissão ampla dessas actividades nas regiões que não produzem o necessario ao seu proprio abastecimento. Minas, por exemplo, cujo consumo deve exceder de 4 milhões de saccas e cuja producção usineira foi, em 1934, de 256.000 saccas, sendo obrigada, a despeito da sua grande producção de assucar do banguês, á importação de mais de 700.000 saccas de assucar de usina. — Minas não pode augmentar sua propria producção, porque o Instituto Nacional do Assucar não consente. Por outro lado, as tarifas de certas Estradas de Ferro que servem ao nosso territorio costumam ser organizadas no sentido de favorecer a importação, em detrimento da producção estadual.

Estado mediterraneo e montanhoso, não possuindo, portos maritimos por onde faça seu intercambio com outras regiões do paiz, é natural que se lhe conceda o direito de produzir os artigos necessarios ao proprio abastecimento e ao intercambio com regiões sertanejas limitrophes. Vê-se, pelo exposto, que nem isso nos é permitido, pois, além de não podermos vender nos Estados visinhos um producto de lavoura apropriadissima ao nosso meio agricola e que soffre aqui tributação fiscal insignificante, como é o caso do assucar, estamos impedidos de augmentar a nossa producção na medida das necessidades locais.

A concurrencia levada pelos productos de Estados, interlandicos aos mercados commerciaes de outras regiões

do paiz torna-se praticamente impossivel, por motivos evidentes, entre os quaes os que acabo de mencionar, que obrigam a producção desses Estados a pagar, sob diversas formas, pesados tributos á economia de fóra, do seu territorio. Essa tributação dá-se sob multiplos aspectos, taes como impostos inter-estaduaes, impostos e taxas de viação e circulação, addicionaes, commissões e armazenamentos, taxas portuarias, etc..

Esses onus, agravados pelo desamparo em que a politica economica brasileira deixa as nossas actividades productoras, empobrecem cada vez mais a nação, dividindo-a em regiões economicamente autonomas e regiões obrigatoriamente tributarias das precedentes. No momento em que todos os povos procuram amparar suas actividades economicas, protegendo-as contra a competição estranha, dentro e fóra de seus respectivos territorios, a nação que disso se descuidar será fatalmente esmagada, em lucta desigual com a concorrencia estrangeira. O alargamento do commercio interno do Brasil representa uma providencia de legitima defesa do paiz. Para conseguil-o, devemos, a meu ver, pôr em pratica as seguintes medidas:

1.º — Execução do dispositivo constitucional referente á supressão gradual do imposto de exportação e impostos inter-estaduaes. Alguns Estados cobram taxas de importação sobre productos oriundos das outras unidades da Federação, mascarando essa tributação inter-estadual, evidentemente prohibida pela Constituição da Republica, com recursos mais ou menos despistantes. Essas taxações e quaesquer outras que embarcem as relações commerciaes no interior do paiz precisam desaparecer.

2.º — Em compensação, as tarifas das empresas de transportes que servem á economia estadual, poderão ser proteccionistas no sentido de facilitar o escoamento da producção dos respectivos Estados em rumo aos entrepostos commerciaes e centros de consumo internos e externos.

3.º — Extincção de Institutos e Departamentos officiaes ou officializados, que, sob pretextos de defesa e outros, embarçam a producção, circulação e commercio nacionaes. Essa defesa deve caber ás organizações cooperativas e associações de classes, sem caracter obrigatorio. A orientação da politica economica dos Estados e da nação deve ficar a cargo dos Conselhos Economicos, agindo por intermedio de órgãos especializados da administração publica.

4.º — Creação de taes Conselhos, que deverão se

ATELIER DE GRAVURAS

SILVA

&

43, AVENIDA GOMES FREIRE, 43

BARRETO

RIO DE JANEIRO

GRAVADORES

TELEPHONE 22-6894

vindo previamente as associações de classes interessadas no problema.

5.º — Fomentar as ligações ferroviárias, rodoviárias, fluviais, aéreas e marítimas, que ponham em comunicação económica as várias regiões do país e auxiliar a abertura de rodovias vicinaes, promovendo, para tal fim, a cooperação dos poderes públicos estaduais e municipais com interessados particulares:

6.º — Facilitar a disseminação de armazéns gerais para retenção de productos nas épocas de superprodução, distribuindo-os no tempo de escassez, de accordo com as exigencias do consumo. O quadro das oscilações de preços no mercado de Bello Horizonte, evidencia a conveniencia de se regular, pela formação de stocks, a oferta de productos de primeira necessidade.

7.º — Organização, pelos Conselhos Technicos, da relação de productos agrícolas e industriaes que interessam a todas as regiões de territorio brasileiro, productos em torno dos quaes deverá ser feita a politica económica nacional. Dessa relação convirá constar, por exemplo, a borracha, a castanha e as madeiras, que interessam à Amazonia; fructos oleaginosos, fumo, algodão, assucar, pelos de cabra, que interessam ao Nordeste; café, cacau, cereaes, xarque, lacticínios, couros, mineraes, siderurgia, tecidos, que interessam ao Centro; mate, trigo, fructas de mesa, productos diversos de origem animal, carvão de pedra, que interessam aos Estados do Sul.

9.º — Realização de convenios internacionaes de commercio, baseados no princípio de reciprocidade econo-

mica, visando assegurar mercados externos à produção brasileira, em troca de facilidades concedidas a productos não existentes no país, ou cuja exploração seja pouco rendosa entre nós. Os convênios commerciaes, favorecendo o alargamento, da nossa exportação e a entrada no país de productos essenciaes à sua vida e ao seu desenvolvimento economico, possibilitarão ao trabalho nacional um custo de produção razoavel, que nos garanta o exito commercial nos mercados internos e externos, evitando que aconteça conosco o grave phenomeno ultimamente occorrido nos Estados Unidos, onde o custo da vida é tão elevado, que productos industriaes estrangeiros, elaborados com materia prima americana, concorrem no proprio mercado "yankee" com a produção similar dessa poderosa nação, a despeito de sua politica proteccionista.

10.º — Realização de convênios idênticos entre Estados da Federação, com o fim de se crearem reciprocas facilidades economicas. Estes convênios devem abranger, em certos casos, o problema da imigração de trabalhadores acioaes, de modo que os Estados receptores de imigrantes patricos se obriguem a cercal-os do mesmo amparo official dispensado ao imigrante estrangeiro, fornecendo-lhes, inclusive, os recursos necesarios ao seu retorno annual á terra natal.

Estas e outras medidas que a experiencia fôr aconselhando muito contribuirão para o alargamento do commercio interno e externo do Brasil, com vantagem para productores e consumidores e para toda a nação. Eis o meu parecer.

SOCIEDADE NACIONAL DE AGRICULTURA

Fundada em 16 de Janeiro de 1897

(Reconhecida de Utilidade Publica pela Lei n. 3.549, de 16 de Outubro de 1918)

DENTRE OUTROS SERVIÇOS A' ECONOMIA NACIONAL.

CONTRIBUIU para o fortalecimento do espirito associativo da classe rural do país, promovendo e incentivando a fundação de associações agricolas;

DISTRIBUIU mais de um MILHÃO E QUINHENTOS MIL mudas de arvores fructíferas, sobretudo citricas;

PUBLICOU e distribuiu, gratuitamente, mais de CENTO E CINCOENTA MIL exemplares de trabalhos sobre assumptos agricolas;

INSTITUIU, no Horto da Penha, onde estabeleceu uma estação de pomicultura, um Aprendizado Agrícola para a formação de capatazes de fazenda com ensino gratuito;

FUNDOU a Confederação Rural Brasileira;

SUGGERIU á Prefeitura do Distrito Federal, em 1904, a criação das feiras livres — o que se consubstancia em lei em 1916;

TRATOU, em primeira mão, das questões de alcool-motor e do pão misto, com estudos theoricos e praticos completos a partir de 1916;

EDITOU, dentre outros numerosos trabalhos:

Geographia Agrícola do Brasil, 1908, 1 vol.

Legislação Agrícola do Brasil, comprehendendo todo o periodo colonial e o independente, até a Republica — 1910, 3 vols.
Inquerito Nacional de Imigração — 1928, 1 vol.

Annaes da 1.ª Conferencia Nacional Algodoeira, 3 vols.

Annaes da Conferencia Internacional Algodoeira, 2 vols.

Annaes da 1.ª Conferencia Nacional de Lacticínios, 1 vol.

BATEU-SE pela criação do Ministerio da Agricultura (Conclusões do Primeiro Congresso Nacional de Agricultura, 1901);

PUBLICA, desde 1897, a revista "A Lavoura";

MANTÉM uma Bibliotheca especializada, com 20.000 volumes, e um Museu Agrícola, franqueados ao publico;

ATTENDE, gratuitamente e com presteza, a qualquer consulta sobre assumpto tecnico de agricultura, commercio e industria.

Nutrição animal

ARLINDO CHAVES

A exploração racional dos animais domésticos não pôde prescindir da observância attenta e systemática de um conjunto de condições que representam, necessariamente, as directrizes naturais de seus objectivos economicos. Assim, ao lado das instalações convenientes e da escolha acertada das melhores raças, é necessária, para o desenvolvimento natural e progressivo das aptidões que melhora a satisfação aos fins a que se destinam, uma alimentação racional que supere em qualidade e quantidade as exigências physiologicas do animal, que é, por assim dizer, a machina transformadora, na industria pastoril, da materia prima que recebe, sob a forma de rações bem dosadas, em diversas modalidades de rendimentos ou productos, taes como a propria procriação, o leite, a carne, a gordura, a energia ou tracção, etc..

Consequentemente, a exemplo do que se verifica em qualquer outra industria, para dar incremento á eficiencia do animal; que é a machina, devem ser considerados os recursos indispensaveis á sua conveniente alimentação, que é, necessaria simultaneamente, a materia prima e a energia que a transforma em diferentes productos economicos.

Na Inglaterra, por exemplo, onde a pecuaria tem uma organização economica irrepreensivel, os zootechnistas mais abalizados, para dar o necessario relevo ao grande valor da alimentação, criaram um aphorismo que hoje corre mundo com fóros de proverbio: "A metade da raça é feita pela bocca".

A revelia das medidas adoptadas pelos paizes mais adeantados, no sentido de obviar a escassez das pastagens, no transcurso dos prolongados invernos, não deixa de ser bastante contristador o quadro que emmolha a difficil situação da pecuaria nacional, no periodo das seccas, a despeito, notadamente em Minas, de um perseverante trabalho dos poderes publicos, tendente a rasgar novos horizontes aos fazendeiros, no tocante aos diferentes problemas da pecuaria, que, por sua natureza, requerem soluções definitivas e improrogaveis. Ocorre, effectivamente, naquelle periodo, uma verdadeira crise de alimentação para o gado, dando ensejo a que a fome, com todo o seu cortejo de consequências desastrosas, produza um numero consideravel de baixas e grande depreciação nos rebanhos enfraquecidos.

E' que, não obstante a continua primavera que á roda de todo o anno nos proporciona flores e fructos com abundancia, as diversas variedades de gramineas e leguminosas que constituem as melhores pastagens, sob o rigor das seccas prolongadas e ao pisoteio continuado das manadas, transformam-se em feno e moinha, de pou-

co valor nutritivo e geralmente rejeitada pelo gado, que, na sua avidez pelas pastagens verdes, ingere frequentemente, nessa época, hervas e timbós de toxidez mortifera. Esses prejuizos sobem ainda de vulto quando o consideramos accrescidos da quebra que então soffrem todos os derivados da industria pastoril, porquanto, com a escassez da materia prima — pastagens ou alimentação — a machina, que é o animal, não pode produzir ou produz muito pouco. Para sobrepor-se a essa situação tão premente, os fazendeiros mal avisados oriam com as proprias mãos uma outra, que é de todo inaturavel; deitam fogo em seus campos, que, em condições tão propicias á furia das labaredas, não dão treguas á sanha do incendio por estiradas muitas vezes de leguas.

Está hoje provado, que, em periodo de lactação, é indispensavel ao gado a ingestão da vitamina A, que se encontra exactamente nas pastagens verdes e no feno de certas leguminosas, sem a qual não se opera a fixação do calcio necessario á produção de leite. A mortalidade dos bezerros, que é, finalmente, um dos mais graves corollarios decorrentes desse estado de cousas, criado pela secca e aggravado pelo fogo, constitue um dos aspectos mais desoladores do conhecido problema — escassez de pastagens — a que fica periodicamente exposta a industria pastoril, cuja envergadura, na cincta de maior resistencia do grande orcabouço da economia nacional, é hoje representada, no volume global de seus diversos rebanhos — bovinos, equino, ovino, caprino, suino, asinino e mular — pela cifra quasi astronomica de 95.177.569 cabeças estimadas em 11.185.731:7173000.

Todo esse formidavel contingente da riqueza particular e publica, com as excepções que naturalmente confirmam a grande regra geral, está mais ou menos exposto á concorrência da secca no consumo das pastagens, que são os meios ordinarios de sua subsistencia. Urge, pois, que a boa semente, espalhada profusamente pelas mãos da technica nos paizes que, contrariamente ás nossas condições climatericas, se vêm a braços com o phenomeno inverso ou seja o transcurso penoso dos invernos, caia no solo fertil de nossas fazendas, sitios e granjas, onde o espantoso da fome seja assim vencido pelas armas da providencia.

O remedio ideal, o grande especifico contra esse mal — a Fome, geralmente acompanhada do macabro cortejo das epizootias, sempre foi uma boa refeição, um bom prato ou um banquete.

Um prato substancioso e succulento, sabendo bem ao paladar do gado, são as proprias pastagens, colhidas e armazenadas na época de abundancia para serem consumidas no periodo das seccas, scientificamente conser-

vadas, com todas as suas propriedades, algumas até melhoradas, mediante os processos da ensilagem. Geralmente completam esse cardapio diversos productos da agricultura, taes como as cannas, as batatas, as farinhas e farellos que, sobre serem de facil e barata aquisição, emprestam uma certa distincção a esses banquetes, em que o fazendeiro feliz é sempre o grande homenageado.

Para concretizar o valor de uma boa ração, vamos dar, em resumo, o conteúdo do boletim n.º 9 de Nutrição Animal, organizado pela Inspectoria Regional de Fomento da Produção Animal, do Ministerio da Agricultura, em Pedro Leopoldo, referente ao tratamenot alli, de 31 vaccas leiteiras durante o mez de Maio do corrente anno:

Farello de algodão ...	4.798,5 ks.	791\$741
Pasto	598.500 ks.	119\$700
Mineraes	149,5 ks.	59\$920

Custo total das rações..... 971\$361

Tendo sido, nesse periodo, a produção de leite de 10.545 ks., facilmente se deduz o custo da unidade, em função do valor total das rações, ou sejam \$092 por cada kilo de leite. Esse custo infima do leite é devido ao elevado indice de produção de cada animal, que assim concorreu, convenientemente alimentado, com a media diaria de 11,5 kilos de leite para a formação daquelle consideravel volume.

De quanto fica succintamente exposto do momentoso problema — alimentação do gado, consoante os exemplos dos paizes, de melhor organização e de accordo com o que a pratica tem demonstrado mesmo no Brasil, chega-se á conclusão de que o necessario dispendio para o tratamento racional dos rebanhos é um dinheiro não gosto, mas posto a juros elevados e compensadores.

(Do Boletim de Informações Economicas e Commerciaes do Estado de Minas Geraes).

Serviço de Aguas do Ministerio da Agricultura

(Secção de pluviometria e inundação)

SYNOPSIS GERAL DAS CHUVAS CAHIDAS
EM TODO O PAIZ, DURANTE
O MEZ DE JULHO DE 1935.

ZONA: — Nesta região do paiz as chuvas se mostraram em geral accentuadamente escassas, tendo em média, a sua altura ficado a 85 abaixo do valor normal correspondente.

Em Manãos, Bôa Vista, Coary, Fonte Bôa, (Amaz-

zonas), Belém, Conceição do Araguaia e Taperinha (Pará), ellas ficaram respectivamente a 17, 21, 12, 27, 81, 3, 2 e 50 abaixo da normal e em São Gabriel (Amazonas), ellas subiram a 7 acima daquelle valôr.

Nos Estados do Maranhão, Piahy, Ceará, Parahyba, Pernambuco, Sergipe e Alagôas ellas se mostraram escassas, no ultimo accentuadamente, tendo em média, a a sua altura, ficado respectivamente a 35, 22, 11, 1, 16 e 76 abaixo do normal.

No Estado do Rio Grande Norte, ellas se mostraram abundantes, tendo em média, a sua altura, subido á 12 acima daquelle valôr.

ZONA CENTRO: — Nesta região as chuvas se mostraram geralmente abundantes, tendo em media, a sua altura, subido a 13 acima da normal.

Nos Estados da Bahia, Matto Grosso e Minas, ellas se mostraram em geral abundantes, tendo em média, a sua altura, subido respectivamente a 16,46 e 13 acima do valor normal correspondente.

Nos Estados de Goyaz e Espirito Santo, ellas se mostraram geralmente escassas, tendo a sua altura, em média, ficado a 4 e 12 abaixo daquelle valôr.

ZONA SUL: Na região Sul do paiz, as chuvas se mostraram em geral ainda abundantes, tendo em média, a sua altura subido a 22 acima da normal.

No Districto Federal e Estdos do Rio Janeiro, São Paulo, Santa Catharina, Rio Grande do Sul, e Paraná, ellas se mostraram geralmente abundantes, no ultimo accentuadamente, tendo em média, a sua altura, subindo respectivamente a 29, 4, 27,30 e 63 acima daquelle valôr.

PERIODOS SECCOS E CHUVOSOS MAIS NOTAVEIS

PERIODOS SECCOS: — De accordo com as informações formações por via telegraphica das diversas estações estações da Rede, os periodos seccos mais no-Soares Saude (Minas Geraes), Reeve e Veado (Espirito taavis verificaram-se em Manhuassu', Raul Soares, Saude (Minas Geraes), Reeve e Veado (Espirito Santo) onde não chove respectivamente a 93,106, 104,94 e 94 dias seguidos.

PERIODOS CHUVOSOS: — De accôrdo com as mesmas informações os periodos chuvosos mais notaveis verificaram-se em Caravellas, São Bento das La-ges e São Salvador (Bahia) respectivamente com 11,17 e 25 dias seguidos de chuva.

NOTA: — Resumo elaborado com dados telegraphicos recebidos até o dia 5 do mes seguinte. Todos os vadores referem-se a millimetros.

A Avicultura em Minas

A criação de aves representa, em Minas, uma das modalidades de exploração economica que mais facilidades offerece no sentido de uma remuneração rapida e vantajosa ao capital e ao trabalho que na mesma se empreguem. As grandes facilidades dessa exploração, possível tanto na zona rural como á margem dos centros urbanos, estão principalmente na area de terreno relativamente pequena que a mesma exige para a formação do aviario, cujas installações podem ser obtidas igualmente com pequeno dispendio.

O que, de mais complexo, se reclama nesse sentido é a parte concernente á orientação technica do avicultor, que deve ser firmada em bases segurar, entre as quaes se destacam a escolha das raças, de boas aptidões productivas, tanto para carne como para ovos e ainda um cuidado constante na defesa contra as molestias que dizemam a criação.

Todo esse esforço, desde que orientado methodicamente, terá, porém, a sua melhor compensação nos lucros decorrentes dessa actividade, de character aliás subsidiario nas fazendas e pequenos sitios, de vez que pode ser perfectamente exercida ao lado das outras explorações agricolas ou pastoris.

As possibilidades do mercado consumidor para os productos de avicultura, tanto no interior do Estado como fóra delle, não deixam duvidas quanto ás vantagens mais convidativas.

Basta que se veja, para isso, o que revelam as estatisticas de produção e exportação de aves e ovos, no Estado.

Quanto á produção, faltam infelizmente dados mais numerosos, por isso que só existem os referentes aos annos de 1923, 1928 e 1929. São elles, porem, bastante expressivos, comtudo, como indice da animação em torno da actividade em apreço. E' assim que em 1923 o valor da produção de aves e ovos foi respectivamente de 33.969.400\$000 e 39.007.200\$000, ou seccivamente de 73.041.400\$000. Em 1928 subiram esses ja um total de 73.041.400\$000 para aves e 56.648.000\$000 para ovos, a 51.558.000\$000 e em 1929 a 100.820.206.000\$000 e em 1929 a 66.725.000\$000 em ovos, no total de 119.051.000\$000.

Quanto á exportação, são ainda mais eloquentes os dados que a estatistica fornecem, em abono da prosperidade que vem bafejando esse pequeno e lucrativo ramo da criação, cumprindo salientar que, emquanto a exportação geral do Estado vem soffrendo do decrescimento nos ultimos annos, como um reflexo da mesma diminuição em relação ao paiz, a exportação de aves e ovos, pelo Estado de Minas, vem se mantendo em linha ascendente, tanto em quantidade como em valor.

Vejamos nesse sentido o movimento referente ao

decennio de 1924 a 1933, representados nos dous quadros seguintes:

AVES DOMESTICAS

	Quant. em Kgs.	Valor official
1924	5.629.561	16.888:683\$000
1925	6.482.971	19.448:913\$000
1926	4.831.748	12.272:639\$920
1927	6.307.576	19.969:785\$616
1928	6.381.067	22.333:734\$500
1929	5.434.537	19.586:522\$000
1930	5.751.201	20.704:323\$600
1931	7.228.196	24.127:006\$600
1932	7.641.046	22.864:253\$200
1933	8.412.467	22.713:660\$900

OVOS

	Quant. em Kgs.	Valor official
1924	2.121.263	4.262:526\$000
1925	1.986.422	3.972:844\$000
1926	1.686.019	2.372:038\$000
1927	2.407.088	6.438:960\$400
1928	2.064.725	5.574:757\$500
1929	3.068.538	8.285:052\$600
1930	2.844.103	7.679:078\$100
1931	3.510.889	9.479:400\$300
1932	3.265.302	8.816:315\$400
1933	3.367.364	9.091:882\$800

A economia mineira tem, assim, nesses numeros e nas ligeiras considerações de que foram precedidos, a demonstração das grandes possibilidades com que conta a avicultura, como fonte de riqueza a ser decisivamente explorada, podendo-se, para terminar, reforçar ainda os argumentos que militam em seu favor, principalmente para ser praticada nas proximidades dos grandes centros de população, com os seguintes numeros referentes ao movimento de vendas de aves e ovos, em primeira mão, no Mercado Municipal de Bello Horizonte, no triennio de 1932 e 1934.

Aves — Numero de cabeças: 32.134 em 1932, 34.119 em 1933 e 35.748 em 1934, nos valores de 1.020:486\$, 1.002:632\$ e 1.021:211\$, respectivamente.

Ovos — Numero de duzias: 356.267, em 1932, 385.947 em 1933 e 365.581 em 1934, nos valores respectivos de 550:338\$, 579:878\$ e 562:561\$.

O valor total de aves e ovos, nos referidos annos, foram: 1.570:824\$ em 1932, 1.582:510\$ em 1933 e 1.583:772\$ em 1934.

Preço justo e razoavel do café nos Estados Unidos

Na sessão semanal de 18 de maio de 1921 da Sociedade Rural Brasileira, de São Paulo, o senhor Conde Sylvio Alvares Penteado leu o seguinte trabalho:

"Um inquerito sobre o café nos Estados Unidos:

Achando-me em viagem pelos Estados Unidos nos mezes de Setembro, Outubro e Novembro de 1920, resolvi fazer um inquerito sobre o commercio do café no seio da grande nação norte-americana, cujo consumo de cafés brasileiros em annos normaes — tenhamos sempre sob os olhos taes estatísticas — corresponde a cerca de 50% da produção total do Brasil. Este inquerito é destinado a ser o natural complemento de meus estudos economicos sobre a materia.

Graças aos inestimaveis prestimos da grande casa importadora Ruffner, Mc Dowell & Burch, de Chicago, consegui enviar uma circular por mim redigida, ás firmas de torradores mais importantes e representativos da classe, que se encontram naquela cidade e algumas outras do interior dos Estados Unidos. Eis os termos, traduzidos, da circular:

"Um senhor de S. Paulo, Brasil, o sr. Sylvio Penteado, profundamente interessado no negocio do café, não só como fazendeiro, como na qualidade publicista, estudioso desse magno problema economico de seu paiz, visita-nos neste momento e deseja fazer um inquerito sobre as condições geraes do commercio do café nos Estados Unidos.

Elle é de opinião que existe uma profunda ignorancia da mutua situação, dos interesses e das aspirações, entre as duas entidades mais intimamente interessadas no negocio do café, a saber: os fazendeiros em seu paiz, e os torradores no nosso.

E' manifesto que existe a supposição geral em S. Paulo, que os torradores dos Estados Unidos, querem systematicamente forçar as cotações do café a niveis cada vez mais baixos. Diz o sr. Penteado que tal supposição explica a acção radicalmente contraria por parte dos productores, explica esse proposito constante de provocar altas sem senso nem medida, toda vez que

a situação do café lhes pareça favoravel. Presenciouse no segundo semestre de 1919 um claro exemplo disto.

O sr. Penteado considera que uma nova politica de mutua comprehensão de interesses e aspirações se impõe a ambas as partes grandemente interessadas no negocio do café, de maneira a que não mais se reproduzam tão desastrosas condições commerciaes, quaes as que têm prevalecido nos ultimos mezes. Elle propõe que um "espirito de cooperação" tome o lugar da inconsciente hostilidade de hoje, e que um principio de "equidade economica" venha a prevalecer, em vez da mutua desconfiança e o antagonismo actual.

Finalmente, para tirar uma conclusão desse inquerito, que é destinado a mais larga divulgação em São Paulo, com o intuito de esclarecer os governantes bem como os fazendeiros daquelle Estado, o sr. Penteado formula as seguintes perguntas, a serem respondidas por alguns dos mais proeminentes torradores de café dos Estados Unidos:

1.º) O que é preferivel para a industria dos torradores de café: cotações que oscillem consideravelmente, ou, o tanto quanto possível, cotações estaveis para o café verde?

2.º) Qual seria, levando-se em conta as condições de trabalho hoje prevalecentes no mundo, um "preço justo e razoavel" para o café typo 4 de Santos (tomado para base de criterio) posto nos Estados Unidos?

3.º) Em principio, sympathisariam os torradores com um aparelho que establisasse as cotações do café em Santos, dentro da estreita latitude, proxima do "preço justo e razoavel" acima mencionado?

Sem demora responderam a esta circular 27 torradores, dentre os mais esclarecidos e representativos da industria, que se achavam mais ao alcance dos srs. Ruffner, Mc Dowell & Burch, para um inquerito desta natureza. E para que se ajuize da importancia desse grupo, embora pequeno em numero, adeantarie que se avaliou em mais de um milhão de saccas o consumo que o mesmo faz annualmente, de café brasileiro.

FRANCISCO

GIFFONI & C.

CREANÇAS ANEMICAS LYMPHATICAS RACHITICAS
JUGLANDINO
 SABOROSO XAROPÉ 1000-PHOSPHO-CÁLCICO

R. 1 de Março, 17

Rio de Janeiro

RESPOSTA DOS TORRADORES

1. ^a pergunta Se é favoravel ou não ás cota- ções estaveis.	2. ^a pergunta Preço considera- do "justo e ra- zoavel" em "cents" por lb. de café typo 4 C.&F.U.S.	3. ^a pergunta Se é sympathico ou não a um ap- parelhamento esta- bilizador das cota- ções em Santos
+ sim O não		+ sim O não
Grupo A		
1 +	12	+
2 +	12	+
3 +	12 a 16	+
4 +	10 a 15	+
5 +	20	+

Grupo B		
6 +	14	O
7 +	14 1/5 a 15	O
8 +	15 a 16	O
9 +	15 a 20	O
10 +	16	O
11 +	16	O

Grupo C		
12 O	12	O
13 O	14	O
14 O	16	O

Grupo D		
15 +	O	+
16 +	O	+
17 +	O	+
18 +	O	+
19 +	O	+

Grupo E		
20 +	O	O
21 +	O	O
22 +	O	O
23 +	O	O
24 +	O	O

Grupo F		
25 O	O	O
26 O	O	O
27 O	O	O

ctivo e concludente ellas possam comportar. Aqui transcrevo o resultado em forma estatística, numerando as cartas de 1 a 27, e adoptando o signal "+" para dizer que o signatario approva, e um "O" para significar que não approva. Os algarismos em resposta á segunda pergunta, são tantos "cents" por libra de café typo 4, C. & F. U. S., isto é posto em um porto dos Estados Unidos.

Pelas 14 respostas á segunda pergunta, vê-se que o criterio dos torradores varia entre "12" e "20" "cents". Extrahi a media desses algarismos, e encontrei "14,7 cents", preço, que, com o dollar a 7\$500, corresponde a 24\$000 os 10 kilos de café typo 4, posto em um porto dos Estados Unidos".

A NOVA DIRECTORIA DO D. N. C.

Para substituir os srs. Armando Vidal, Alcides Lins e Cesario Coimbra, respectivamente Presidente e Directores do Departamento Nacional do Café, que haviam solicitado, em character irrevogavel, exoneração daquelles cargos, o Exmo. Sr. Presidente da Republica assignou, em 7 de Agosto na pasta da Fazenda, o decreto de nomeação dos srs. Antonio Luiz de Souza e Mello, director da Carteira Cambial do Banco do Brasil. Oswaldo Salles Sampaio e José Soares de Mattos; o primeiro, para exercer a presidencia e os outros, representantes São Paulo e Minas Geraes, na Directoria do DNC.

A cerimonia da posse teve lugar á tarde do dia 12 no Ministerio da Fazenda, sendo a transmissão de poderes effectivada, horas depois, pelo sr. Armando Vidal, em seu gabinete, onde pronunciou importante discurso, resumindo os seus trinta mezes de administração.

A Sociedade Nacional de Agricultura

desejando que todos os lavradores, criadores e industriaes façam parte do seu quadro social e possam gozar das vantagens que off rece aos seus associados, resolveu, como concessão especial, manter a isenção de pagamento de joia aos novos socios.

Inscreevi o vosso nome e o de vossos amigos entre os numerosos associados da sociedade Nacional de Agricultura.

Largo São Francisco, 3-2º - RIO

Com todo cuidado classifiquei essas 27 respostas em 6 grupos, seguindo o mais logico criterio que me pareceu possivel, afim de extrahir tudo o que de instru-

As Semanas da Sociedade Nacional de Agricultura

Continuação do numero anterior

A lavoura, seriamente prejudicada com este estado de cousas, vem appellar para V. Exa. afim de que sejam revogadas taes medidas, tornando-se livre, o transito dos materiaes de reconhecida applicação na lavoura e criação, taes como, o salitre do Chile, o enxofre, o bisulfureto de carbono, o aluminio em pó ou em limalha, o algodão e etc., porque qualquer difficuldade creada ao commercio e transporte desses productos, resulta no seu encarecimento além de annullar-lhes a efficiencia de applicação.

Certos de favoravel acolhida, antecipamos agradecimentos e aproveitamos o ensejo para apresentar os nossos protestos de cordial estima e distincta consideração".

Nada mais havendo a tratar, o Sr. Presidente agradece o comparecimento dos presentes e, especialmente, do Sr. Representante do Sr. Ministro da Agricultura, encerrando em seguida os trabalhos.

Sessão de 25-7-1935

Sob a presidencia do Snr. Arthur Torres Filho realizou-se a ultima reunião de Directoria da Sociedade de Agricultura. Após a sua volta de Buenos Ayres, onde foi representar o Brasil como Delegado á Conferencia Commercial Pan-Americana, foi esta a primeira sessão que presidiu. Grande era o numero de pessoas presentes, achando-se litteralmente cheio o salão da antiga e prestigiosa associação de classe.

Abrindo os trabalhos, o Sr. Torres Filho diz que era sua intensão, nessa reunião, expor numerosas observações que colhera na sua viagem á Argentina e ao Uruguay, e tambem, no Rio Grande e S. Paulo, relativamente a aspectos economicos dessas regiões. Reservava-se porém, para a proxima reunião para fazel-o, sendo certo, entretanto, que são essas observações do maior interesse para o nosso momento economico.

Salienta a acolhida gentilissima e amistosa de que foi alvo por parte da Sociedade Rural Argentina, cujo corpo director o honrou com uma recepção official e, mais tarde, com um almoço no Jockey Club Argentino. Essa homenagem, diz, prestada ao Presidente da Sociedade Nacional de Agricultura, seria, embora palidamente, retribuida, pois acha-se entre nós o Dr. Guillermo Barbarini Isla membro da referida Sociedade, ao qual, a nossa instituição desejaria demonstrar, igualmente, o apreço em que tem aquella grande e pujante associação de lavradores e criadores argentinos.

Devido ao grande interesse da materia a tratar nesta sessão, é indispensada a leitura do volumoso expediente.

O Sr. Teixeira Leite, Vice-Presidente, que, na ausencia do Sr. Torres Filho ficou na presidencia interina da Sociedade, exprime a sua satisfação, e a da Sociedade, em nome dos collegas, pelo regresso do Sr. Torres Filho, que acabava de prestar mais um relevante serviço a causa economica do paiz.

Lembra que, decorrendo a passagem do primeiro aniversario da gestão do Ministro Odilon Braga na pasta da Agricultura, onde tem exercido uma actuação efficiente, sensata e ponderada, propõe a inserção em acta dos trabalhos de um voto de congratulações com S. Excia. e com a classe, bem como, nesse sentido se telegraphasse a S. Exa.

O Sr. Torres Filho declara ser essa uma proposta que não necessita de discussão e votação. Ella está de si approvada. Tal o alto conceito em que tem o Sr. Ministro Odilon Braga a Sociedade de Agricultura. Ella vem acompanhando, com o maior interesse, a brilhante actuação de S. Excia. e, por isso mesmo, a proposta do Sr. Teixeira Leite vem ao encontro dos desejos da Casa.

O Sr. Virginio Campello faz uma interessante comunicação á Sociedade em proseguimento a outras que alli tem reflectido os seus estudos no sentido de libertar o Brasil das vultuosas importações de cellulose e de papel.

Nas zonas frias do hemispherio Norte e rendimento por hectare está calculado baixo. O que se obtem no Brasil, na zona Sul e muitas vezes superior. Si uma floresta precisa, para crescer e desenvolver rapidamente de agua, calor e luz, sendo esta ultima mais questão de aquecimento que de illuminação, no Brasil taes factores attingem ao auge, resultando no melhor rendimento. Si alguns autores (vide citação da nossa maior autoridade Alberto J. Sampaio) estão de accordo que se pôde obter de 1.000 a 1.800 m³ de pinho nos Estados sulinos, com tão formidavel percentagem os brasileiros têm obrigação de zelar tal patrimonio e que representa um presente do céu e que será preciso mantel-o, renovando-o e alargando para outras zonas proprias de "habitat".

Naquella occasião contava que a Companhia Lumber do Paraná apresentasse uma resposta á minha pergunta sobre quanto conseguia obter das florestas em exploração, mas estes dados vieram com resposta vaga, ou melhor, adaptavam-se ás minhas conclusões, feitas aqui no Rio, de que era commum o rendimento de 300 metros cubicos por hectare.

Não satisfeito deixei que melhores informações me chegassem e passei a trabalhar para conseguir uma documentação perfeita.

Hoje estou convencido que somente conseguirei taes

dados com o meu esforço pessoal, fazendo as medições onde existirem plantações de pinho brasileiro ou em estado nativo. Isto demorará bastante, pois que terei de visitar diversos Estados, com pesquisas dentro da mata e julgo por isso acertado trazer os resultados parciais, á proporção que fôr obtendo, para julgamento e quicá orientação daquelles que se julgarem satisfeitos com tal documentação iniciando a industria immediatamente.

Essa minha decisão tem sua razão de ser em vista das conclusões abonadas por Sampaio, de que o rendimento vae de 1.000 a 1.800 m³ por hectare, já por si tão grande e tão alto que nos dá, ao preço de 200\$000 o merto cubico para taboado, as cifras de 200 a 360 contos por hectare ou tomando o tempo de crescimento como de 40 annos, o que está mais ou menos acceito, dará o rendimento por hectare anno de 25 a 45m³ ou 5 a 9 contos por anno.

Agora apresento o meu trabalho feito numa floresta, 50% homogenea mais ou menos, onde encontrarei, nas faldas do morro do Itatiya, com cercade 1.500 metros de altitude, ou melhor de 1200 a 18000 metros pois que ella está num declive cujo ponto mais alto encosta no massiço das Agulhas Negras, vertente do Estado do Rio de Janeiro, num local denominado Santa Martha, ou conhecido simplesmente por pinheiral.

Em duas determinações de 100 metros quadrados cada uma, encontrei pinheiros com 20 centímetros de diametro até 53, com a media de 32, num total de 8 arvores. A cubagem, tomando como base de calculo o cône truncado, deu 1049 metros cubicos por hectare e esta dentro da minima estabelecida pela citação de Sampaio.

Na segunda os pinheiros eram em numero de 6, nos mesmos 100 metros quadrados, com diametros de 0,15 até 1,30 ou a media de 0,53. A cubagem deu o total 4.030m³.

Fazendo o calculo annual e em mil réis temos os valores de 209 contos para a primeira e 806 para a segunda ou um rendimento annual de 5:220\$000 e 20:150\$000 respectivamente.

Por estas citações que trago com prazer á Sociedade, embora reconheça que meus trabalhos estão sendo iniciados e que não sei quando darei em dados definitivos, pode-se concluir quanta razão tinha em dizer "com tão formidavel porcentagem os brasileiros têm obrigação de zelar tal patrimonio que representa um presente do céu e que será preciso manter, renovar e alargar para outras zonas de habitat.

O Sr. Torres Filho tem palavras de animação para com esse consocio e cita, a proposito, a surpresa com que viu, na Argentina, os trabalhos realizados em tal sentido. Allí já se produz regular quantidade de cellulose e, com a materia prima que resulta da cultura do trigo, teve occasião de verificar que vão muito adeantados os argentinios nesse terreno. Entende que o Brasil dispõe de elementos sufficientes para libertar-se desse pesado onus ao estrangeiro, sendo, portanto, de lou-

var a tenacidade com que o Sr. Virginio Campello vem tratando do assumpto. A Sociedade tudo fará, como até aqui, para acoroçar esses trabalhos.

Em seguida apresenta o Sr. Presidente o Sr. Sylvio Torres, que, em 1931, tratara, na Sociedade, da monmentosa questão da raiva nos nossos rebanhos bovinos. Agora, elle desejava mais uma vez honrar a tribuna da Sociedade com observações colhidas pessoalmente no estudo do assumpto. As suas observações partindo de um tecnico illustre e realmente devotado á causa, além dos resultados praticos que é de esperar das mesmas, tem ainda o merito de ir affirmando ao Brasil a capacidade dos nossos technicos. Elles têm, diz, grande competencia e não lhes falta vontade para vencer os nossos problemas. Vão aflorando, assim, numa demonstração inequivoca de que, brevemente, todos esses assumptos serão tratados com familiaridade dentro dos nossos proprios laboratorios.

O Sr. Sylvio Torres traz grande copia de provas documentaes das suas experiencias e estudos. Pretende provar, desta feita, que o mal que ataca grande parte dos nossos rebanhos provêm, mais directamente dos morcegos hematophagos, em diversas variedades. Exhibe, numa pequena gaiola, alguns exemplares vivos, que despertam a maior curiosidade. Dispensa-se, pois, de fallar delles para abreviar a sua palestra.

Melhores Laranjas! Maiores Lucros!



INSECTICIDA PARA FRUTICULTURA
PRODUTO DA
ANGLO-MEXICAN PETROLEUM COMPANY LTD

Melhore a qualidade de suas laranjas, obtendo, assim, maiores lucros.

Cuide scientíficamente do seu pomar pulverizando suas laranjeiras com CITROL, o insecticida moderno base de óleo mineral refinado por processos especiaes

NÃO CORRÓE OS PULVERIZADORES

Para aquilatar do valor do CITROL, mande-nos o seu nome e endereço, afim de receber gratis, nosso livro que descreve e illustra com photographias nitidas os insectos e doenças que atacam as laranjeiras.

CITROL—Registrado em 23 de Agosto de 1934 sob o N. 1 no Serviço de Defesa Sanitaria Vegetal do Ministerio da Agricultura.

Anglo-Mexican Petroleum Co. Ltd.
Rio de Janeiro

Depois de abundar em argumentos e factos insophismaveis, quanto á transmissão, pelo morcego, do virus rabico, conclue que, nos focos de raiva são encontrados morcegos *desnodus rotundos* e *Dyphylla ecaudata*, portadores naturaes do virus rabico; que nos morcegos infectados naturalmente ou experimentalmente podem resistir á infecção e tornarem-se portadores e eliminadores do virus, que, fora dos focos de raiva e epizootica podem se encontrados morcegos portadores do virus rabico, como foi observado em Campo Grande no Districto Federal.

Liga grande importancia ao facto de estar provado, conforme concluo, que os morcegos podem ser portadores e eliminadores do virus, tornando-se, assim, resistentes ao mal.

Passa, em seguida, a estudar a transmissão da raiva pelos morcegos *desnodus rotundos*, portadores naturaes do virus e, depois de uma clara e bem documentada exposição, conclue:

a) que os morcegos dessa variedade, portadores naturaes do virus rabico, transmittiram a raiva a bovinos mordidos por elles;

b) que os bovinos infectados morreram de raiva paralytica typica.

c) que a duração da molestia foi de 1 dia e 14 horas a 2 1/2 dias;

d) que o periodo de incubação no bezerro 28B foi de 46 dias; nos bezeros 30B e 35B não se poudo firmar o tempo exacto porque foram mordidos em dois periodos diferentes;

e) que o diagnostico clinico foi confirmado pelas inoculações de passagem, exames histologicos e exame de urina.

Estuda depois a questão da raiva natural e experimental nos morcegos, methodicamente. Observa, com abundancia de detalhe, o periodo de incubação, evolução e symptomatologia molestia; a virulencia das glandulas salivares e do cerebro; a resistencia á infecção dos morcegos, os quaes se tornam portadores e eliminadores do virus; a transmissão da raiva de morcego a morcego, a frequencia das lesões pathogonomicas da raiva no morcego e nos animaes de passagem; a virulencia do virus proveniente do morcego, periodo de incubação nos animaes de passagem e inoculabilidade em serie.

Em seguida são exhibidos films relativos á materia ventilada, bem como o dos estudos realizados em Matto Grosso pelo conferencista, com a apanha de especimens e as experiencias feitas nos rebanhos da região.

A conferencia despertou o mais vivo interesse e o Sr. Torres Filho diz que o Sr. Sylvio Torres, com a sua palestra, veio fazer uma revelação da maior importancia. Da primeira vez que aqui falou, apresentou a questão tal qual ella então se mostrava. Como bom cientista, entretanto, perseverou e obteve, nas suas experiencias, uma serie de conhecimentos preciosos, que já podem orientar os poderes competentes a uma acção de combate a essa terrivel ameaça que pesa sobre os

nossos rebanhos. Depois de outras considerações diz que o Sr. Sylvio Torres é a perfeita encarnação dessa geração moça de technicos e cientistas que vão afflorando, e nos quaes deve o paiz depositar todas as suas esperanças.

O Sr. Teixeira Leite pede algumas informações sobre as dificuldades economicas do problema, citadas na sua palestra pelo Sr. Sylvio Torres. E este diz que essas dificuldades surgem logo á primeira vista, por isso que um combate aos morcegos, habitando quasi sempre lugares paludosos e pantanosos, de difficil accesso, requeria um corpo de pessoal devotado, cuja vida, assim, seria até arriscada. Precisaria ser bem pago. Além disso, a extensão territorial do paiz, em que tem habitat os transmissores da raiva, completam essas dificuldades. O credito de trezentos contos votado para o combate aos morcegos é insufficiente, como se vê.

Em seguida, o Sr. Arruda Camara pede seja transcripto na acta o projecto que vem de apresentar á Camara o Deputado Humberto de Andrade sobre a canaúba e plantas oleaginosas, reservando-se, pelo adiantado da hora, para justificar sua proposta, em outra sessão, tendo em vista o alcance do projecto em apreço. Approvada a proposta o Sr. Presidente dá por encerrados os trabalhos.

SESSÃO DE 1-8-1935

Sob a presidencia do Sr. Arthur Torres Filho realizou-se a sessão de Directoria da Sociedade Nacional de Agricultura. Foi, pela relevancia dos assumptos a tratar, dispensada a leitura do expediente. A sessão iria cuidar, conforme o annunciou o Sr. Arthur Torres Filho, de uma questão da maior relevancia: o sal nacional. Achavam-se presentes varios interessados e conhecedores do assumpto e, dentre elles, o Sr. José Augusto, ex-governador do Rio Grande do Norte e actualmente deputado federal. Antes, porém, dava a palavra ao Sr. Virgínio Campello, que volta a tratar da questão da cellulose e da silvicultura, cuja organização no Brasil julga imprescindivel para o definitivo estabelecimento daquela industria. Para esse fim, diz, será preciso que energicas providencias sejam postas em pratica desde já, para que tal fonte de materia prima seja uma realidade, e taes medidas já as apresentou como conclusões finaes que a Sociedade approvou, sendo as mesmas levadas ao conhecimento do Conselho Federal do Comercio Exterior.

Embora em tal occasião era já flagrante, como foi dito, que o momento não permittia um gasto avultado de montagem de um Serviço novo, que cuidasse seriamente do assumpto, com a referencia especial ao reflorestamento intenso para compensar a devastação que se processa em quasi todo o territorio nacional, hoje perdura a necessidade de compressão de despesas por parte do governo para o indispensavel equilibrio orçamentario. Se não é possivel um gasto maior — continúa o Sr. Virgí-

já o estava sendo em 1915. Ha poucos dias, procurado pelo deputado Ricardo Machado, classista do Rio Grande do Sul que lhe falou sobre um projecto a ser apresentado á Camara. Teve occasião de referir-lhe, então, que a questão da qualidade estava já resolvida: o xarque era applicado com resultados satisfactorios, mas que o seu preço elevado era uma face nova da questão. Determinados factores de ordem economica haviam feito com que poucas firmas monopolizassem o producto, impondo preços altos. Dessa forma, o seu projecto visaria pleitear uma regulamentação para o commercio do sal, na qual figurasse uma clausula em que, se essa regulamentação não fôsse feita, dentro de determinado espaço de tempo, o Governo deixaria livre a importação do sal estrangeiro. Declarouse, então, inteiramente contrario a essa orientação, que visava proteger uma industria estrangeira em detrimento da nacional. E' preciso não esquecer — diz que dos 120.000.000 de kilos de sal consumidos no paiz, apenas 10 milhões são importados do estrangeiro. E, o que é mais — que, durante a guerra européa não entrou um só kilo desal estrangeiro no Brasil — o que é muito expressivo, quanto á nossa independencia nesse ramo de actividade extractiva. Ha, realmente, uma certa pressão para a elevação de preços, prejudicando a industria. O problema, entretanto, se apresenta facilimo. O Governo interviria no sentido de impedir o monopolio, impedindo um assalto á economia dos productores. No Conselho Federal, a questão foi amplamente debatida e a questão do sal pôde ser collocada no seguinte ponto de partida, para as provincias que se fazem necessarias:

1.º — no que se refere á qualidade, o sal nacional serve sufficientemente para todas as applicações, inclusive nas xarqueadas, apenas dependendo a sua maior eficiencia da "cura", ou envelhecimento do producto antes de ser lançado no mercado;

2.º — no que se refere á quantidade, sómente as salinas do Rio Grande do Norte são bastantes para abastecer o Brasil e toda a America do Sul.

Ha, como se viu, a face da cura, de modo que se tenham eliminado certas substancias que affectam o xarque, como o magnesio em excesso e a regulamentação, nesse sentido, deveria prohibir o sal novo no mercado.

O Sr. José Augusto termina dizendo que, pelo conhecimento que tem da questão, o governo interviria na contênda harmonizando os salineiros, commerciantes e consumidores, com ligeiras recommendações de modo que se fixe que, de modo algum, seja permitida a entrada do sal estrangeiro no Brasil, porque o nosso paiz o tem em grande quantidade e perfeitamente bom.

O Sr. Torres Filho diz que o depoimento do Sr. José Augusto é valiosissimo. Deante dessas informações, e das observações que pessoalmente colheu, já pôde a Sociedade manifestar-se. O assumpto ficou, assim, perfeitamente esclarecido.

O Sr. Virginio Campello lembra que se procure incentivar por todos os meios, as industrias que precisam

do sal, dando, assim, maior desenvolvimento á sua extracção e commercio. A soda caustica, por exemplo, cujo consumo entre nós por 150 toneladas diarias, se houvesse a sua industria no Brasil poderia tirar do sal a sua materia prima e, nesse caso, estaria assegurado um consumo, tambem diario, de 300 toneladas de sal, pois que se torna preciso o dobro. Mostra a enorme variedade de productos chimicos que importamos e que o sal nos poderia proporcionar, inclusive o chloro, com os seus numerosos sub-productos, tão empregados nas industrias e na arte militar.

O Sr. Otto Frensel mostra as iniciativas surgidas no Brasil em materia de sal para lacticinios, sal esse que é importado da Inglaterra a preços altos. O Instituto Vital Brasil, até ha pouco, vinha produzindo um sal excellente para a manteiga, e vendido aos lacticinistas por metade do sal importado. Actualmente, essa fabrica não funcçiona, ao que parece por estar ampliando as suas installações.

Falase, então-, na necessidade de uma classificação judiciosa do sal e o Sr. Kurt Repsold diz que o producto deve ser classificado de accordo com os fins a que se destina. Quanto ao sal empregado na criação, ha até a conveniencia em não se o eximir do magnesio, necessario ao gado, e que, no xarque, por exemplo, é condemnado.

Trocam-se varios esclarecimentos a respeito e o Sr. Altino Sodré dá as suas impressões do que foi a 7.ª Semana dos Fazendeiros, recentemente realizada pela Escola Superior de Agricultura de Viçosa. Veiu de Minas surprehendido com o que pode observar. Estabelece um confronto entre as semanas ruralistas e os cursos moveis cu ambulantes, proporcionados pelo Ministerio da Agricultura. Estes, diz, não correspondem ás suas finalidades, porque geralmente, ao lado da theoria não dispõem os technicos que os ministram o lado pratico. De forma que, na Escola de Viçosa, o assumpto é attendido com as demonstrações theoricas e praticas, attestando o valor da technica ensinada. Se houver má percepção por parte do lavrador no receber o Conselho, este se voltará não contra a classe agronomica, mas contra si, que não aprendeu direito, de vez que o exemplo em contrario foi por elle mesmo observado. Essas semanas, que começaram com 60 fazendeiros, estão agora com quasi um milhar e teve a satisfação de entre estes, ver que mais de trezentos "veteranos" voltaram á Escola, demonstrando, assim, um apego digno de ser observado, por demonstrar que o ensino rural no Brasil encontra meio propicio.

O Sr. Altino Sodré termina pedindo que se telegraphe ao Sr. Bello Lisboa enaltecendo a sua obra e inserindo em acta um voto de grande louvor pela sua patriotica actuação no ensino agricola no Brasil, de que a Escola de Viçosa é o maior expoente no presente momento.

O Sr. Torres Filho secunda as palavras do seu collega com citação de factos por si tambem observados nessa iniciativa de Viçosa. Quando, em commissão do

Pelo adeantado da hora, são encerrados os trabalhos.

SESSÃO DE 8-835

Sob a presidência do Sr. Arthur Torres Filho, realizou-se a sessão semanal da Directoria da Sociedade Nacional de Agricultura. Grande foi a concurrencia, estando litteralmente cheio o salão nobre da velha instituição.

tuição.

O Sr. Arruda Camara lê o expediente, no qual se destacam o convite da Sociedade Rural Argentina, para que a Sociedade se represente na proxima Exposição Pecuaría de Palermo. O Sr. Landulpho Alves, Director do Departamento de Industria Animal, é convidado para essa commissão e a acceita. O sr. Torres Filho tem palavras de elogio para com esse consocio, do qual espera, nessa viagem, colher os mais beneficos elementos em favor da pecuaría brasileira; telegramma do Sr. J. C. Bello Lisboa, agradecendo o voto approved pela Sociedade de felicitações a SS. pelo exito da ultima Sesmanha dos Fazendeiros, da Escola de Agricultura de Viçosa, de que é Director; idem do Sr. Odilon Braga, Ministro da Agricultura, no mesmo sentido, pela passagem do primeiro anniversario de sua administração; officio de E. Moraes Monteiro, pedindo esclarecimentos a proposito da matricula na futura Escola de Horticultura Wenceslau Bello, em construção pela Sociedade; idem da Commissão Executiva do 7.º Congresso Scientifico Pan-Americano, a realizar-se no Mexico, e convidando para no mesmo se representar a Sociedade; são acceitos varios novas consocios e o Sr. Arruda Camara lê a seguinte proposta, firmada pelos Srs. Virgilio Werneck Campello e Americo de Pinho Leonardo Pereira: "A Sociedade Nacional de Agricultura tem tratado com muita attenção o problema da exportação de laranjas do Brasil. Nas semanas dedicadas somente á citricultura foram lembradas suggestões que foram concretizadas na proposta Arthur Torres Filho sobre modalidades de credito, de accordo com o nosso Codigo, aos fructicultores e exportadores de laranjas, abacaxis, bananas, etc.

Sobre o grande onus que pesa sobre cada caixa de laranja exportada, exigido pela Carteira Cambial, na importancia de 36% do cambio — o que corresponde hoje a mais ou menos 5\$000 por caixa de laranja s/o cambio official — já foi levantada a idéa de que seja tal percentagem reduzida para 1 schilling por caixa, ou 'conforme' a Directoria da Fiscalisação Cambial de São Paulo de 1 ½ s.

Isto em Abril do anno corrente quando a situação da laranja brasileira se apresentava com prenuncios de que continuaria em progresso franco. Hoje, infelizmente, a situação está completamente mudada e os exportadores além de mandarem seus artigos de commercio para serem vendidos ainda são obrigados, na sua maior parte, a enviarem tambem libras esterlinas para pagamento do excesso da despesa sobre o preço da venda.

Não é absolutamente justo que o Banco do Brasil, ou a sua Carteira Cambial, depois de perfeitamente senhor da situação do mercado inglez em referencia á laranja brasileira, ainda vá concorrer com um onus que, si antes já era por demais pesado, hoje se afigura insuportavel.

Em vista disso proponho que esta Sociedade, por intermedio de seu Presidente, faça cvhegar ao conhecimento do Conselho Federal do Commercio Exterior do que já foi proposto em sabia orientação, que a taxa de 35% do cambio em referencia ás laranjas deve ser retirada incontinente".

Antes de submettel-a a discussão, o Sr. Arthur Terres Filho diz que essa proposta, realmente, merece toda a atenção da Sociedade. Neste momento em que ha forte depressão nos preços de nossa laranja na Inglaterra — seu principal mercado — está o assumpto na ordem do dia. Está sendo agitado pelas associações de classe do Rio e de São Paulo e, por isso mesmo, não poderia a Sociedade silenciar. A laranja figura hoje em 4.º lugar na lista dos nossos principaes productos exportaveis e, por isso, exige uma somma superior a 400.000 libras de cambiaes. E' possivel que o Governo não possa abrir mão dessa importancia, como suggere o Sr. Virgínio Campello, ou seja dos 35% controlada pelo Banco do Brasil. A Carteira Cambial daquelle Banco — adduz o Sr. Torres Filho — pôde, sim, reconsiderar o seu acto, cobrando apenas um schilling por caixa ao envez de 1 ½, como está fazendo no momento. Propõe, por isso que, ao envez da Sociedade pleitear junto ao Conselho Federal do Commercio Exterior a eliminação completa da taxa de 35%, fizesse sentir a difficuldade, em virtude do crescimento das exportações da agricultura do Sul e dos Estados Unidos, com que estão lutando os exportadores brasileiros, como base para o pedido de exame da possibilidade da reduçcão da taxa pela Carteira Cambial. Falando com a franqueza que é necessária em taes casos, está quasi que convencido de que a Carteira Cambial não abriria mão da taxa na sua totalidade, mas acha razoavel que a taxa seja reduzida a 1 schilling.

O Substitutivo do Sr. Torres Filho é aprovado e em seguida é lido um officio da Associação dos Industriais de Lacticínios do Brasil, communicando a sua fundação e dizendo dos seus fins. O assumpto — diz — se prende muito ao objecto principal da nossa sessão de hoje: a questão dos lacticínios no Brasil. O orador de hoje é o mesmo que, em outras occasiões, tem trazido tão valiosos subsidio ao exame da Sociedade a respeito do problema, entre os quaes tem sempre collocado o da falta de organização das classes interessadas na produção, no commercio e na industria da "mais brasileira das nossas industrias". E' por isso que, com a maior satisfação, vê organizarem-se os industriais em momento o mais opportuno, dada a phase de difficuldades que os lacticínios atravessam no paiz.

Congratula-se com a nova instituição e os seus idealizadores, dando, em seguida, a palavra ao Sr. Otto Frenzel, que discorre a proposito dos "Aspectos leiteiros brasileiros".

O trabalho do Sr. Frenzel, que terminou com a projecção de um interessante film sobre a industria do leite em S. Paulo, é longo, minucioso e interessante. E' o retrato exacto e completo da situação da industria de lacticínios no Brasil. As suas observações se detêm nos valores estatísticos e economicos dessa industria; na situação de cada Estado, de per si, em face da produção leiteira e das perspectivas que cada um offerece, progressos obtidos e prognosticos; sobre a produção, o beneficiamento e a industrialização, o transporte, o consumo, a educação do productor, a importação e a exportação.

Dado o interesse que tal trabalho offerece, foi unanimemente aprovado que a sua publicação se faça, na integra, pelas columnas da revista "A Lavoura".

O Sr. Torres Filho, ao terminar o Sr. Frenzel a sua conferencia, apresenta os agradecimentos da Sociedade pela brilhante collaboração e diz que ella focalizou todos os aspectos da nossa industria de leite e seus derivados. Como declarou antes, o assumpto se reveste de excepcional opportuidade, visto como todos os aspectos da economia brasileira estão merecendo os desvelos da administração publica. Ainda ha pouco, visitando a Republica Argentina, teve occasião de verificar alli um grande desenvolvimento nesse ramo de actividade. Ella está, no momento, com um aparelhamento technico modernissimo e se apparelha para ser um dos mais fortes concurrentes nos mercados externos. Para exemplo disso, basta citar que ha organizações que beneficiam, diariamente, mais de 100.000 litros de leite. Há, já, a exportação de productos lacticínios para a Inglaterra e a Italia que, como mercados exigentes que são, muito dignificam a industria argentina. Conforme frisou o Sr. Otto Frenzel, temos de contar com o mercado interno, cuidando principalmente dos productos derivados do leite, sem nos atermos sómente ao commercio e á produção do leite in natura. Quanto ao productor, este não aufere o que fora de desejar — o que não é segredo — pela falta de sua

organização. Ha, entre o productor e o consumidor uma engrenagem complicada, dando em resultado os precalços de que resultam os preços vis por que é pago o leite nas fazendas. A questão da organização do productor, com o credito indispensavel e aproximação do consumidor, é um dos aspectos que deve merecer a melhor attenção do criador. Na sua conferencia, o Sr. Frenzel traçou em grandes linhas tudo o que occorre com a industria. A Sociedade sempre se preocupou com o assumpto por ver no mesmo um dos futuros esteios da nossa economia, tanto que, a par de outras iniciativas menores, realizou já duas exposições de lacticínios na Capital do paiz e uma Conferencia especialisada sobre o assumpto. Assim procedeu e procederá porque a industria do leite e derivados no Brasil representa mais de um milhão de contos de reis por anno, envolvendo interesses respeitaveis, os quaes não pôdem soffrer ameaças de perturbação. O Brasil lhe offerece um grande mercado interno, que nos cumpre defender. Este ponto de vista, já foi por SS. manifestado na ultima sessão do Conselho Federal do Commercio Exterior, como representante da instituição e da lavoura. Aproveita a opportuidade que se apresenta para fazer essa declaração, em nome da Sociedade, que debatendo hoje, mais uma vez, a materia, dá uma demonstração publica o seu interesse em pról dos criadores nacionaes e está prompta a receber quaesquer suggestões dentro desse ponto de vista.

Nada mais havendo a tratar, foram encerrados os trabalhos.

A Sociedade Nacional de Agricultura

Desejando que todos os lavradores, criadores e industriais façam parte do seu quadro social e possam gozar das vantagens que offerece aos seus associados, resolveu manter a

ISENÇÃO DO PAGAMENTO DE JOIA PARA OS NOVOS SOCIOS

Annuidade 40\$000

A LAVOURA É DISTRIBUIDA GRATUITAMENTE AOS SOCIOS DA

Sociedade Nacional de Agricultura

SESSÃO DE 5—9—35

Sob a presidencia do Sr. Dr. Arthur Torres Filho, realizou-se a sessão semanal da Sociedade Nacional de Agricultura. Achava-se completamente cheio o vasto salão de conferencias da Sociedade e o Sr. Presidente, abrindo os trabalhos, fez ler o expediente, que constou de materia varia e interessante.

Passando á ordem do dia, o Sr. Torres Filho diz que a sessão seria por assim dizer consagrada ao assumpto relativo á Semana da Laranja que a Sociedade vae promover. O programma para essa iniciativa já está organizado por um dos technicos da Casa, mas, como o conferencista que vae occupar a tribuna tratará de assumpto vasto e interessante, reserva-se para, na proxima semanal, estudar, com toda a Directoria, o referido programma.

Realmente, o assumpto que o Sr. Arsenio Puttemans escolheu para thema de sua conferencia, e o resultado dos estudos que, agora ha pouco, realizou pessoalmente na Argentina — qual o da cultura da batata e a importação de sementes pelo Brasil. Essa cultura, entre nós, attinge hoje importancia extraordinaria, não só pela grande produção a que já attingimos, como pelo consumo, que cada dia cresce, em virtude do proprio crescimento da população, e sabendo-se, ademais, que, no Brasil a Batata degenera e ha necessidade de importação permanente de sementes do estrangeiro. Teve occasião de, na Argentina, estar em contacto com o Sr. Puttemans, e pode apreciar o carinho com que S. S. se entregou ao estudo do assumpto. As autoridades officiaes argentinas, e os directores da Sociedade Rural Brasileira acolheram-no com o carinho que, diga-se de passagem, são acolhidos todos os technicos que alli vão em visita, collaborando com elle, decisivamente, para o exito da sua missão. Assim tambem, o Serviço de Defesa Sanitaria daquelle paiz amigo foi de uma solicitude a toda prova para com o representante do nosso Ministerio da Agricultura. Quanto ao conferencista, que todos bem conhecem, alem do seu espirito altamente investigador, e technico de longa data radicado no nosso meio, e com grandes serviços a causa da nossa agricultura. Tem a impressão de que as suas observações cultura. Tem a impressão de que as suas observações serão uteis á relações commerciaes dos dois paizes, vinserão elucidar alguns aspectos de cultura da batata. Sabe-se, por outro lado, que até o presente momento ainda não conseguimos obter a batata para sempre nas condições technicas que desejamos, ao mesmo passo que a cultura se desenvolve cada vez mais. O Brasil, de grande importador desse tuberculo, passou, rapidamente, graças ao Rio Grande do Sul, Paraná e São Paulo, a produtor. attendendo, em grande parte as necessidades nacionaes. Isto, entretanto, não quer dizer que se presbretudo quanto as sementes. Sabe que na Argentina o Governo e os technicos se encontram empenhadissimos na melhoria das condições das sementes exportadas para

o Brasil, tendo sido baixadas instrucções rigorosas para attender áas nossas necessidades. E' tudo isto, diz o Sr. Torres Filho, que vamos ouvir, sendo um prazer para a Sociedade receber taes ensinamentos de quem, como o Sr. Puttemans, pelo seu passado e por sua dedicação ao Brasil, merece todo o nosso apreço e admiração. Dá a palavra ao conferencista que lê a sua conferencia, de que tentaremos fazer um breve resumo, e de vez que a mesma será publicada no orgam official da Sociedade.

Depois de descrever botanicamente a batata, refere-se ao seu consumo no Districto Federal, que importou em 1933 em mais de 7 milhões de kilos e, tomando-se por base a importação do primeiro semestre deste anno, receberá do estrangeiro apenas 300 mil kilos. Essa queda enorme na importação não provem da diminuição do consumo. O que houve foi justamente o contrario: o consumo augmentou, mas, para elle, a batata de produção nacional contribuiu já com mais de 21 milhões de kilos, no primeiro semestre deste anno.

"Demonstra isto, indubitavelmente, o grande desenvolvimento da cultura da batata no Brasil e do progresso do seu consumo, chegando a dispensar quasi que por completo a produção estrangeira.

Refere-se, em seguida, a questão das sementes, as quaes, embora nada pareça impedir a sua produção entre nós, ella permanece tão precaria que não temos ainda no Brasil cultura especializada nesta produção, e somos obrigados, e talvez o sejamos ainda por muito tempo, a nos abastecer de boas sementes estrangeiras. Acontece, porém, que estas mesmas sementes tem que ser renovadas periodicamente, pois que rapidamente degeneram, não permitindo serem usadas por muito tempo em culturas successivas. A questão da degenerescencia, entretanto, não é particular ao Brasil, sendo commum em todos os paizes onde, não são tomadas providencias especiaes para a evitar. Por isso e por só ha pouco tempo ter sido conhecido o processo de a evitar, essa degenerescencia constitue o maior obstaculo á cultura economica dessa planta, e as perdas que lhe são devidas no mundo inteiro alcançam centenas de milhares de contos.

A degenerescencia — continua — ainda ha pouco tempo considerada como consequencia de desequilibrio physiologico causado por condições rvolchivsd lovsrd, goi drnfo trvonhrfifs vomo drnfo lihsfs intimamente a phenomenos morphologicos ou de descoloração da folhagem, "mosaico", "enrolamento das folhas", "filosidade", etc., que, julgamos sem gravidade, vinham entretanto causar o definhamento, progressivo das plantas e a respectiva que da da produção. Hoje, mercê das pesquisas scientificas realizadas um pouco por toda a parte, mas sobretudo na Hollanda pelo grande especialista Quanjier, verificou-se que a degenerescencia da batata podia ser propagada, não apenas pelos tuberculos contaminados servindo de sementes, mas pelo succo de uma planta atacada, embora aparentemente sã, ou seja pelo

liquido extrahido de suas hastes ou folhas e inoculado artificialmente as plantas sãs, e isso mesmo quando filtrado o referido succo em velas extremamente finas, como sejam as de Chamberl n. Essas particularidades é que levaram os pesquisadores a adoptar, para estas doenças da degenerescencia, o nome de "doenças de virus filtraveis", ou mais simplesmente "doenças de virus". Posteriormente, descobriu-se ainda que a passagem do virus de planas doentes as sãs, podia se realizar naturalmente, no proprio campo, em plantas visinhas, pela picada de certos insectos proprios a batateira.

Refere que foi o primeiro, no Brasil, atravez de experiencias em Deodoro, em 1921, a chamar a atenção sobre doenças de virus, e, desde essa epoca, não tem cesado de aconselhar o emprego de sementes seleccionadas e certificadas, unico meio de se poder evitar a degenerescencia e conseguir altos rendimentos.

A certa altura, e em face de noticia divulgada por um jornal desta Capital, a proposito de sua propalada propaganda em prol da semente hollandeza, pede permissão para explicar que é brasileiro naturalizado, filho de Bruxellas, nada tendo a ver com a Hollanda. Preconiza as sementes dessa procedencia por serem ellas, realmente as melhores.

O Sr. Torres Filho diz que o Sr. Puttemans está acima de taes aleivosias. Pelo seu pasado e por sua dedicação ao Brasil não pode nem deve ser suspeitado no seu papel de tecnico, de toda probidade.

O Sr. Puttermans continúa, dando, então, informações minuciosas a respeito da cultura da batata nos campos de La Plata, e de Mendoza, descrevendo a situação do lavrador, o preparo dos campos, a cultura, a colheita, a embalagem, a distribuição. Ao lado de suas informações, exhibe curiosas photographias, projectadas em tela por uma "lanterna magica", focalizando todos esses aspectos, e cercando-os de observações as mais interessantes.

Despertou grande admiração, por exemplo, dentre outras particularidades da cultura "papeira" na Argen-

tina, o coracter nomade dos seus cultivadores, que occupam os campos, sob arrendamento, por um anno. Ahi se estabelecem, fazem a sua lavoura e deixam ovamente o campo livre no fim do prazo. Dahi, as toscas construcções dos agricultores de batata, que dispoem de automoveis, de radio e outras commodidades modernas, têm para sua residencia pequenos barracos muito semelhantes aos de nossos caboclos do sertão.

O Sr. Puttermans promete,, em outra palestra, focalizar outro aspecto da vida rural na Argentina: a cultura da vinha.

Ao treminar, S. S. é muito applaudido e a Directoria resolve que se faça a publicação, na integra, da sua conferencia pela revista "A Lavoura".

O Sr. Torres Filho agradece a proficiente palestra com que acaba de se honrar a Sociedade, a qual está certo, terá a merecida repercussão nos nossos meios agricolas. O Sr. Puttemans — diz — profissional de grande reputação, e probidade scientifica e technica, tem prestado os melhores serviços ao Brasil. Eminentemente pesquisador, desde os menores detalhes scientificos e technicos, sociais e economicos dos assumptos de que trata. Já o conhece de longos annos, e oobservara na Europa, quando visitava os estabelecimentos daquelle continente. Agora, com grande sacrificio pessoal, foi á Argentina fazer o que fizera antes na Europa; estudar e observar. E' isto muito importante para o Brasil porque não podemos dispensar a semente da Argentina actualmente, pelo menos em certa epoca do anno, e de onde recebemos cerca de 80.000 saccos só para S. Paulo. O Governo Argentino, dando inteira razão ás reclamações dos nossos plantadores e ás observações de nossos technicos, tomou todas as providencias para que as sementes dali nos cheguem sem as devidas garantias. Póde assegurar, que, de parte dessas autoridades, ha maior boa vontade e o vivo desejo de corresponder ás nossos expectativas. Isto mesmo é o que acaba de ser confirmado pelas observações do conferencista.

Nada mais havendo a tratar, foram encerrados os trabalhos.

A Lavoura

A redacção da revista receberá, com prazer, a collaboração de todos os socios, lavradores e criadores, constante de observações proprias a respeito de assumptos agro-pecuarios, inclusive acompanhada de photographias, e cuja divulgação seja julgada de interesse para a classe rural brasileira.

MOVIMENTO DA SECRETARIA DURANTE O SEGUNDO TRIMESTRE DE 1935

CORRESPONDENCIA RECEBIDA:

Cartas	187
Officios	132
Diversos	80
Telegrammas	49
Total	448

CORRESPONDENCIA EXPEDIDA:

Cartas	165
Officios	341
Circulares	378
Telegrammas	54
Total	938

SERVIÇO DE FORNECIMENTOS:

Formicida em liquido	2 caixas
Enxofre em bastão	50 kilos
Sementes de capim gordura roxo	40 "
" " Abobora caravella	1 "
" " graminha	1 "
" " arroz	240 "
Vaccinas contra a peste da mangueira	2.700 doses
Vaccinas contra o carbunculo hematico	1.500 "
Plantas frutiferas	425 pés

SOCIOS NOVOS, foram propostos e aceitos os seguintes:

Maria Graça, Districto Federal — Prefeitura Municipal de Maceió, Alagoas — Baronet, William Garthwaith, London — Dr. Nuno Dias Tavares, Bahia — Comte. Roberto Moraes Veiga, Arnaldo Monteiro Osorio, Fortaleza.

José Mendes de Britto

FORNECIMENTO DE PLANTAS:

Araticum	2\$000
Abieiros	2\$000
Abricoteiros	4\$000
Ameixeira do Japão	3\$000
Ameixeira de Madagascar	5\$000
Anonas, desde	2\$000
Araçaceiro corôa	2\$000

Amendoeiras	2\$000
Bananeiras, desde	1\$000
Butiaseiros	10\$000
Cabelludeiras	2\$000
Cajaseiros manga	2\$000
Caimitos	2\$000
Crotons	1\$000
Cidreiras, desde	4\$500
Ficus Benjamin	2\$000
Fruta de Conde, desde	2\$000
Graip Fruit, desde	1\$500
Genipapeiros	1\$500
Grumixameiras	1\$500
Goiabeiras	1\$500
Jaboticabeiras, desde	4\$000
Kakiseiros	3\$000

LARANJEIRAS:

Pera, Bahia, Selecta, Saúde, Abacaxi Sanguença, Macahhé, Selecta Branca, Campista, Monjolo, Rosa, Cacau, Melancia, Independencia Japoneza, Bahia-Lima, Santa Catharina, Pera Cravo, desde	1\$500
---	--------

LIMEIRAS: desde 1\$500

LIMOEIROS:

Azedo, doce, meúdo, caiano, veneza, desde	1\$500
Magnolias	3\$000
Mangueiras, pé franco	2\$000
Oitiseiros, pé franco	2\$000
Roseiras, pé franco	1\$500
Sapotiseiros, pé franco	3\$000
Tamarindeiros	3\$000

O preço das plantas acima são no Horto da Penha. Os tamanhos das mesmas variam, de 60 centímetros a 1 metro.

O frete na E. Ferro Leopoldina e nas companhias de navegações é gratuito. Nas demais estradas é reduzido.

As laranjeiras são enxertadas, as demais plantas são de pé franco.

Cada engradado pôde acondicionar 12 plantas e custa, cada um, 5\$000.

Sociedade Nacional de Agricultura

desejando que todos os lavradores, criadores e industriaes façam parte do seu quadro social e possam gozar das vantagens que offerece aos seus associados, resolveu, como concessão especial, manter a isenção de pagamento de joia aos novos socios.

Por deliberação da mesma Assembléa, serão considerados SOCIOS REMIDOS, aquelles que, sendo socios quites, propuzerem 10 outros, e que estes tenham pago, pelo menos, a primeira annuidade.

Inscrevei o vosso nome e o de vossos amigos entre os numerosos associados da SOCIEDADE NACIONAL DE AGRICULTURA — Fundada em 16 de Janeiro de 1897.

E vos serão concedidas, dentre outras, as seguintes:

VANTAGENS

Recebimento de A LAVOURA, seu organ official, gratuitamente, bem bem como todas as demais publicações editadas ou distribuidas pela Sociedade.

Fornecimento, de plantas e sementes, vaccinas contra as molestias que atacam o gado, productos de veterinaria, material agrario, adubos, insecticidas, etc., pelo preço do custo.

Além disso,

como procuradora dos seus associados, **encarrega-se, gratuitamente, do Registro das Propriedades Agricolas** no Ministerio da Agricultura, acompanhando, ahi, como nas outras repartições federaes e municipaes todos os processos que lhes interessem.

Promove a analyse de terras, plantas, etc., sem onus algum para os seus socios.

Trata da obtenção de **transporte gratuito** para plantas, sementes, machinas agricolas, animacs de raça, etc., quando destinados a socios, cujas propriedades se encontrem registadas no Ministerios da Agricultura.

Responde ás consultas sobre assumptos agricolas, industriaes ou commerciaes.

Elabora projectos e orçamentos para construcções ruraes e de força hydraulica.

Incumbe-se da venda de cereaes e outros productos agricolas enviados pelos seus associados, **sem cobrar commissão**, aceitando-os, outrosim, em pagamento das contribuições sociaes.

Encarrega-se, ainda, tambem gratuitamente, do pagamento de impostos nas repartições federaes ou municipaes, do recebimento de juros de apolices, alugueis de casas, etc., nesta Capital.

Fornece cotações e informes sobre mercados.

Serve de intermediaria, no tocante á compra e venda de propriedades ruraes.



HORTO FRUTICOLA DA PENHA

OLARIA — RIO — E. F. L.

Mudas e Enxertos de todas as frutas brasileiras

Optimos Exemplares de plantas ornamentaes

Laranjeiras — Typo exportação

Mangueiras das melhores variedades

Remessas a domicilio — Frete Gratuito

Abatimento aos socios da S. N. de Agricultura

Solicitaes informações á:

RUA PRIMEIRO DE MARÇO, 15 - Sobrado — Rio de Janeiro

